

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
LUÍS ALBERTO DOS SANTOS**

**LIBERDADE E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE JEAN-PAUL SARTRE**

Juiz de Fora  
2021

**LUÍS ALBERTO DOS SANTOS**

**LIBERDADE E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE JEAN-PAUL SARTRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Robione Antonio Landim

Juiz de Fora  
2021

SANTOS, Luís Alberto dos. **Liberdade e Educação**: contribuições de Jean-Paul Sartre. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2021.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Robione Antonio Landim (UniAcademia)  
Orientador

---

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 30/11/2021

Dedico este trabalho à Deus, à Virgem  
Aparecida e à minha mãe, Maria das Graças  
Santos, que sempre me apoiou e me  
incentivou em meus propósitos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que me deu o dom do entendimento e da ciência para prescrutar as riquezas da existência e da criação.

À minha família, de modo especial, à minha mãe, Maria das Graças Santos, que desde o momento em que me gerou para a existência, sempre me animou e apoiou-me em meus projetos.

Ao Prof. Dr. Robione Antonio Landim, que me orientou na elaboração deste trabalho. Agradeço pela atenção, amizade e pelos ricos ensinamentos dispensados.

À coordenadora do Curso de Filosofia, Prof<sup>a</sup>. Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pela dedicação e auxílio prestados durante os anos de estudo.

Aos professores do curso de Filosofia, agradeço pelo ensinamento destinado com primor e responsabilidade.

Ao Centro Universitário Academia, pela formação acadêmica de excelência oferecida.

À Diocese de São João del-Rei, na pessoa de seu Bispo Diocesano, Dom José Eudes Campos Nascimento, pelo acompanhamento diligente.

Ao Seminário Diocesano São Tiago, na pessoa de seu magnífico reitor, Padre Javé Domingos da Silva. Agradeço pela oportunidade de desfrutar nessa instituição da formação humana e acadêmica.

Ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, pela acolhida fraterna e pela formação disponibilizada.

Aos meus amigos que me apoiaram e me incentivaram para que alcançasse os meus objetivos.

Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre. Porque alguém disse e eu concordo que o tempo cura, que a mágoa passa, que decepção não mata, e que a vida sempre, sempre continua.

Simone de Beauvoir

## RESUMO

SANTOS, Luís Alberto dos. **Liberdade e Educação**: contribuições de Jean-Paul Sartre. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

O presente estudo tem como objetivo pensar uma educação que se pretenda libertária. Para tanto, apoiado na filosofia existencialista de Sartre e em sua obra **O Ser e o Nada** (2007), partiu-se da seguinte questão: **como pensar a educação à luz da filosofia da liberdade?** O intuito é compreender uma formação que prime pela liberdade individual de cada indivíduo, isto é, uma educação que tenha apenas por finalidade conduzir o existente para a liberdade que é sua. Abordou-se, primeiramente, a concepção de homem e de liberdade no existencialismo de Sartre. Em sua teoria existencialista, o homem surge no mundo sem qualquer essência que possa defini-lo. Através da análise dos conceitos de em-si e para-si, Sartre chega à conclusão de que o homem é um Nada de ser. E esse nada que constitui a realidade humana é explicado pelo filósofo detalhadamente através da análise das estruturas imediatas do para-si. E, assim, a liberdade se dá nessa dimensão, na medida que esse homem é marcado por um nada, esse nada é a liberdade. Liberdade esta que se revela de modo ontológico e se confunde com o próprio ser do homem. O estudo apontou, também, que a liberdade do para-si se revela nas escolhas e nas situações que esse se depara ao longo de sua vida. É nessa perspectiva que, à luz da filosofia da liberdade, evidenciou-se que uma educação libertária em Sartre tem por característica formar o para-si para a reflexão de sua própria existência. Desse modo, o professor, imbuído da teoria sartriana, fará o papel de conscientizar o aluno de todas as dimensões de sua condição ontológica, de ser-livre. Evidenciará ao aluno que não há obstáculos para o exercício de sua liberdade. Pois, mesmo que encontre resistências em seu percurso de criação na existência, essas não tolgem a sua condição, apenas são uma oportunidade para o brotar originário da liberdade que lhe pertence.

Palavras-Chave: Educação. Existencialismo. Liberdade. Sartre.

## RIASSUNTO

Il presente studio considera oggettivo pensare ad un'educazione che si pretenda libertaria. Questo avviene, sostenuto nella filosofia esistenzialista di Sartre e nella sua opera **O Ser e o Nada** (2007), si partì dalla seguente questione: **come pensare l'educazione alla luce della filosofia della libertà?** L'intenzione è comprendere una formazione la quale risalti per la libertà individuale di ciascuno, cioè, di un'educazione che abbia come finalità condurre l'esistente alla libertà che gli appartiene. Accostare, innanzitutto, la concezione di un uomo e di libertà nell'esistenzialismo di Sartre. Nella sua teoria esistenzialista, l'uomo sorge dai concetti di in-sé e per-sé, Sartre giunge alla conclusione che l'uomo non è niente. E questo niente che costituisce la realtà umana è spiegato dal filosofo dettagliatamente attraverso l'analisi delle strutture immediate del per-sé. E, così, la libertà si dá (avviene) in questa dimensione, nella misura in cui quest'uomo è segnato da un niente, questo niente è la libertà. Libertà questa che si rivela di modo ontológico e si confonde con il proprio essere dell'uomo. Lo studio cita, anche, che la libertà del per-sé si rivela nelle scelte e nelle situazioni che esse incontra lungo la sua vita. E in questa prospettiva che, alla luce della filosofia della libertà, si mise in evidenza che un'educazione libertaria in Sartre ha come caratteristica quella di formare il per-sé per una riflessione sulla sua esistenza. Quindi, il professore, pregno della teoria sartriana, farà in modo di rendere cosciente l'alunno delle dimensioni della sua condizione ontologica di essere libero. Evidenzierà all'alunno che non ci sono ostacoli per l'esercizio della sua libertà. Pertanto, anche se incontrerà resistenze nel suo percorso di creazione dell'esistenza, queste non eliminano la sua condizione, ma rappresentano un'opportunità per far emergere la libertà originaria che gli appartiene.

Parole-Chiave: Educazione. Esistenzialismo. Libertà. Sartre.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA</b> .....	12
2.1 FENÔMENO E CONSCIÊNCIA .....	14
2.1.1 <b>Ser-em-si e Ser-para-si</b> .....	16
2.2 ESTRUTURAS IMEDIATAS DO SER-PARA-SI .....	18
2.2.1 <b>Presença a si</b> .....	19
2.2.2 <b>Facticidade</b> .....	21
2.2.3 <b>Falta</b> .....	22
2.2.4 <b>Valor</b> .....	24
2.2.5 <b>Possível</b> .....	26
<b>3 A LIBERDADE COMO ESTRUTURA ONTOLÓGICA</b> .....	28
3.1 LIBERDADE: ESCOLHA CONSCIENTE DE SI .....	32
3.2 LIBERDADE SITUADA .....	34
3.2.1 <b>Liberdade: responsabilidade angustiante</b> .....	38
<b>4 FORMAR PARA A LIBERDADE: TAREFA DA EDUCAÇÃO</b> .....	41
4.1 SARTRE E A EDUCAÇÃO: POR UMA FORMAÇÃO LIBERTÁRIA .....	44
4.1.1 <b>Educação: um convite à liberdade</b> .....	45
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52

## 1 INTRODUÇÃO

**Liberdade e Educação:** duas realidades que permeiam toda a existência humana. A primeira, a liberdade, adquiriu, ao longo da civilização e da história da Filosofia, variadas dimensões e conotações, seja como um conceito que expressa a possibilidade do sujeito de agir segundo a própria vontade, ou seja, de acordo com o seu livre arbítrio, bem como um conceito que dá ao homem a possibilidade de expressar seus sentimentos, suas ideias, suas opiniões e seus pensamentos sem quaisquer amarras. Já a segunda, a educação, tem por característica desenvolver todas as potencialidades, habilidades e competências de certo indivíduo, por meio do ensino e da aprendizagem, atuando, assim, como um mecanismo para a formação de cidadãos para a inserção na sociedade.

Diante da importância de ambos os conceitos para a existência humana, o presente trabalho tem como objetivo pensar uma educação que tenha por fundamento a liberdade. E, para fundamentar uma educação que se pretenda libertária, esta pesquisa terá como fonte a filosofia existencialista de Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980), nascido em 1905 em Paris, França. Estudou e ensinou filosofia nos liceus de *Le Havre* e em Paris. Foi convocado para o serviço militar e aprisionado na Alemanha. Tendo, pois, retornado da prisão, fundou um grupo de resistência intelectual, juntamente com Merleau-Ponty, intitulado Socialismo e Liberdade. Ao final de seu percurso de criação na existência, como filósofo engajado que era, realizou diversas viagens de cunho político, o que não limitou a sua atividade como filósofo, dramaturgo, ensaísta, romancista, conferencista e roteirista. Sartre registrou o seu pensamento filosófico em forma de romances, de teatros, de panfletos políticos e também em variadas obras de natureza puramente filosófica (ANTISERI, REALE, 2006).

Com o intuito de articular os conceitos de liberdade e de educação, esta pesquisa partirá da seguinte questão: **Como pensar a educação à luz da filosofia da liberdade?** Pensar a educação a partir da filosofia da liberdade de Sartre é compreendê-la em um sentido singular: como formação libertária. Isto é, uma educação que tenha apenas como finalidade a formação do sujeito para o fazer-se constante na existência como ser livre.

O referencial teórico para este trabalho de cunho bibliográfico será constituído pela obra de Sartre, **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica** (2007),

que será a fonte de pesquisa principal deste estudo. Através dessa obra, será destacada a reflexão que o filósofo elabora acerca das estruturas que constituem o ser humano. E, também, para complementar a concepção de Sartre acerca da condição humana, será utilizada a obra **O Existencialismo é um Humanismo** (2014).

Também lançar-se-á mão de textos complementares, que auxiliarão na compreensão das principais teses do existencialismo de Sartre e de sua ontologia fenomenológica. Entre estes, destacam-se as seguintes obras: **Sartre: metafísica e existencialismo** (2003), de Gerd Bornheim, e **Liberdade e Consciência no Existencialismo de Jean-Paul Sartre** (1997), de Clea Góis e Silva. Ambos os autores retratam, em suas respectivas obras, a compreensão filosófica de Sartre a respeito da realidade, do homem e da liberdade.

Para tratar especificamente o conceito de liberdade na perspectiva filosófica de Sartre, este estudo lançará mão de três artigos: o de Aline Silva, **A concepção de liberdade em Sartre** (2013); o de Anderson Silva, **Considerações sobre a noção de “situação” em o ser e o nada** (2013); e o de Vinicius Renaud, **O Conceito de “Liberdade” em O Ser e o Nada de Sartre: Um Recorte a Partir do Fazer, do Ter e do Ser** (2013). Esses textos apresentam os desdobramentos da liberdade sartriana como fundamento da existência humana. Todas as nuances do ser-livre em Sartre, presentes nesses artigos, fundamentarão a reflexão deste estudo acerca do mesmo conceito.

Ainda serão utilizadas as obras de Dario Antiseri e Giovanni Reale, a primeira **Filosofia: idade moderna** (2017) para tratar da questão do fenômeno em Kant e a segunda **História da Filosofia: de Nietzsche a Escola de Frankfurt** (2006), para situar o filósofo que é a fonte desta pesquisa.

Na perspectiva de abordar a questão educacional neste trabalho, será utilizado o artigo de Antônio Severino, **A busca do sentido da formação humana** (2006), para a compreensão da natureza do conceito de educação e como esta foi abordada na tradição filosófica, desde a antiguidade, até a contemporaneidade.

Além destas, também compõem o referencial teórico algumas pesquisas que se debruçaram a pensar a educação a partir de Sartre, que se tornarão como que bússolas para pensar uma educação que se pretenda libertária. Desse modo, será utilizado o texto **Existencialismo e Educação** (2005), de Luciano Silva, que se trata de um estudo sobre a possibilidade de uma pedagogia progressista, que respeite a liberdade individual do sujeito. E, para propor uma educação reflexiva, que conduza o

aluno para a reflexão de sua própria condição existencial, será utilizada a obra dos estudiosos Guilherme Frassam, Rafael Prina e Jorge Vieira com a pesquisa **A Construção de Valores e Liberdade** (2014). E por fim, para pensar uma educação engajada que atue na realidade existencial em que o aluno está inserido, será usada a dissertação de mestrado **Educação às moscas** (2010), que apresenta os cenários para uma educação sartriana engajada.

O presente estudo está dividido em três momentos. Na primeira sessão, será situado o existencialismo de Sartre, analisando os conceitos mais importantes como Fenômeno e Consciência, ser-Em-si e ser-Para-si, pois será através destes que poder-se-á compreender a figura humana, sua condição e o seu modo de ser no mundo. Em seguida, na segunda sessão, tendo clara a ideia de homem em Sartre, serão abordadas as razões da liberdade ser tomada como fundamento de sua existência. E, enfim, na terceira sessão, tendo clara a concepção sartriana de liberdade, serão apontados os caminhos para se pensar uma educação que tenha por fundamento o ser-livre.

A temática proposta neste estudo contribuirá para a compreensão de uma educação que valorize a característica principal do sujeito, **a sua liberdade**. Em uma sociedade em que se educa para a formação de rebanhos, é urgente pensar e considerar caminhos que possibilitem uma educação que contribua para a libertação e autonomia do indivíduo.

Assim sendo, para responder à pergunta que motiva a elaboração deste trabalho, o estudo se inicia apresentando a corrente existencialista da filosofia sartriana que norteará todo o embasamento do trabalho.

## 2 A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA

Sartre é caracterizado pela tradição filosófica como um pensador existencialista. Mas, afinal, o que é o existencialismo? Em primeira análise, o existencialismo é uma corrente filosófica que busca pensar a realidade humana em toda a sua extensão, ou seja, realiza uma análise da existência, o modo de ser do homem no mundo. Sören Kierkegaard (1813-1855) fora o precursor dessa corrente, da qual outros pensadores também a compõem, como por exemplo, Friedrich Nietzsche (1844-1900), Fiódor Dostoievski (1821-1881), Martin Heidegger (1889-1976) e Karl Jaspers (1883-1969). Sartre, embora faça parte dessa corrente, se distingue dos demais autores, na medida em que explicita o existencialismo como filosofia da liberdade. **A filosofia sartriana é uma filosofia da liberdade.**

Sartre define bem o conceito de existencialismo em sua obra **O Existencialismo é um Humanismo** (2014), fruto de uma conferência em Paris, quando defende seu pensamento filosófico de diversas críticas<sup>1</sup>, como a de apresentar uma visão obscura e sombria da vida e ainda de externar uma visão pessimista da vida humana<sup>2</sup>. Ao esclarecer a filosofia existencialista nessa obra, Sartre afirma existirem dois tipos de existencialismo, o cristão e o ateu, duas maneiras de compreender a realidade humana como existência.

No existencialismo cristão, afirma-se que o homem traz em sua essência um atributo de Deus, isto é, o homem seria uma mera reprodução de Deus, sua existência estaria condicionada a esse ser que o fabrica como o industrial constrói um corta papel (SARTRE, 2014). Assim, o modo de existir do homem é explicado como um ser condicionado à existência de Deus, há um modo de ser pré-estabelecido. O existencialismo cristão, desse modo, apregoa que o homem, sendo criado por Deus,

---

<sup>1</sup> “Os cristãos, para além do seu ateísmo, acusavam Sartre de ser materialista, os comunistas, por não sê-lo; os primeiros o reprovavam por ‘colocar arbitrariamente a primazia no em-si-mesmo (*en-soi*)’, os segundos o taxavam de subjetivismo” (SARTRE, 2014, p.10, grifo do autor).

<sup>2</sup> “A expressão violenta dessa rejeição, que Sartre sentiu como carregada de ódio, devia-se ao fato de, como dirá um de seus detratores, estarem os ânimos, após o cataclismo da guerra, ‘preocupados com uma definição do homem conforme a exigência histórica e que permitisse superar a crise atual’” O fato é que as objeções eram mais morais, e até mesmo, em definitivo, utilitárias, do que propriamente filosóficas. Havia pouca preocupação em discutir a orquestração das ideias em sua obra, a pertinência dos argumentos. ‘Nem todo mundo pode ler O ser e o nada’, escrevia esse mesmo crítico. Sartre se transformara igualmente, na mente de muitas pessoas, no anti-humanista por excelência: ele teria desmoralizado os franceses no momento em que a França, em ruínas, tinha mais necessidade de esperança [...] É para apresentar ao público uma exposição coerente e mais justa de sua filosofia que Sartre aceitou dar esta conferência” (SARTRE, 2014, p. 10, grifo do autor).

traz em sua essência um atributo de seu criador. Antes de existir, o homem já possui uma essência divina. Nessa perspectiva, ocorre um determinismo na realidade humana, pois esta, na medida em que foi criada por Deus, existe no mundo como uma simples cópia, ou seja, o modo de estar no mundo, de ser no mundo, é predestinado. O homem, antes de existir, já é alguma coisa. Nas palavras do filósofo:

Assim, o conceito de homem, na mente de Deus, é semelhante ao conceito de corta-papel na mente do fabricante; e Deus produz o homem de acordo com técnicas e com uma concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel seguindo uma definição e uma técnica. Dessa forma, o homem individual realiza um determinado conceito que existe no entendimento divino (SARTRE, 2014, p.18).

O segundo tipo de existencialismo, que se contrapõe ao cristão, do qual Sartre afirma ser a concepção ideal do existencialismo, mesmo que tenha efetuado críticas<sup>3</sup> aos seus adeptos, é o existencialismo ateu, ao qual a sua teoria da liberdade se fundamenta. Sartre compreende que este seja o mais coerente, pois na medida em “[...] que Deus não exista, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito: e que tal ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana” (SARTRE, 2014, p. 19). O homem por primeiro existe, descobre a si, surge no mundo e, posteriormente, se define. O existencialismo busca analisar a realidade humana e dar responsabilidade àquilo que o homem se torna. Portanto, se Deus não existe, também não se podem encontrar valores que determinem a vida do homem:

Sartre entende por ‘existencialismo’ um ideário, ou uma posição filosófica, que torna possível dar sentido à vida humana [...] O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, ou como ele se concebe após a existência (SILVA, 1997, p. 15, grifo do autor).

Desse modo, contrário ao existencialismo cristão que toma a existência como algo determinado, em que as ações e o modo de existir do homem no mundo não dependem exclusivamente dele mesmo, sendo sempre relacionada a algo, e ainda,

---

<sup>3</sup> Sartre (2014) encontra um ponto negativo em alguns filósofos, por não eliminarem radicalmente de suas correntes a ideia de que a essência precede a existência. Segundo o pensador, Voltaire, Diderot e Kant entendiam que existia uma natureza humana em todos os homens, ou seja, um conceito universal de humanidade em cada homem particular: “[...] dessa universalidade resulta que, em Kant, o homem da selva, o homem da natureza e o burguês estão todos encaixados na mesma definição e possuem as mesmas qualidades básicas” (SARTRE, 2014, p.19).

não era entendido como aquele cuja existência é liberdade, o existencialismo de Sartre concebe a existência humana como projeto de ser. Não há, na perspectiva filosófica de Sartre, uma essência anterior à existência humana.

Fica nítido que, no âmbito do pensamento de Sartre, a existência humana se apresenta como uma tarefa, ou seja, ela se faz existindo. A existência não se apresenta ao mundo como algo feito ou mesmo com uma essência dada.

Até agora abordou-se o sentido de existencialismo, que é a fonte da filosofia sartriana, mas não se tematizou ainda a liberdade como fundamento da existência humana. Nos próximos passos deste estudo, a partir do existencialismo de Sartre, buscar-se-á evidenciar através de seus conceitos filosóficos a liberdade como fundamento da realidade humana.

## 2.1 FENÔMENO E CONSCIÊNCIA

Nesta subseção, o intuito é compreender a realidade humana e como a liberdade constitui o seu fundamento. Serão abordados os conceitos de fenômeno e de consciência.

Sendo assim, o que é o fenômeno para Sartre? Para se compreender o sentido de fenômeno segundo a filosofia sartriana, convém retomar-se essa problemática desde a sua origem com a filosofia de Immanuel Kant (1724-1804). Em suas reflexões filosóficas sobre o porquê da metafísica não trilhar o caminho do conhecimento científico, Kant declara que só conhecemos fenômeno, e a coisa em si permanece incognoscível. O fenômeno é a coisa como aparece a nós, segundo o nosso modo de conhecer. Contudo, há uma realidade oculta ao intelecto humano, o *noumeno* (a coisa em si), que jamais será conhecida. “Kant jamais pensou sequer minimamente em reduzir toda a realidade a fenômeno em sentido global, negando a existência de uma realidade metafenomênica” (ANTISERI; REALE, 2017, p. 780). A definição kantiana de fenômeno coincide com a definição de Sartre, até o ponto em que ambos o definem como tudo aquilo que aparece. No entanto, a divergência se dá na medida em que, para Sartre, aquilo que aparece não esconde nenhuma outra realidade mais verdadeira, o *noumeno* ou a coisa em si, conforme preconizou Kant.

Nessa perspectiva, Sartre rejeita toda a dicotomia entre a essência e aparência, ou seja, para ele o ser é aquilo que se mostra e não há nada que possa estar oculto. Para o existencialista:

A aparência remete à série total das aparências e não a uma realidade oculta que drenasse para si todo o ser do existente. E a aparência, por sua vez, não é uma manifestação inconsistente deste ser. Enquanto foi possível acreditar nas realidades numéricas, a aparência se mostrou puro negativo. Era "aquilo que não é o ser"; não possuía outro ser, salvo o da ilusão e do erro (SARTRE, 2007, p. 6, grifo do autor).

Tendo em vista que o ser é o que se manifesta, e aquilo que aparece não oculta essência alguma, Sartre realiza uma ontologia fenomenológica. Estando, pois, alicerçado em alguns conceitos da fenomenologia de seu mestre Edmund Husserl (1859-1938), Sartre desenvolverá um ensaio de fenomenologia que revelará toda a sua concepção da realidade, de homem e, enfim, da liberdade. O subtítulo da obra *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica* já apontara para esse itinerário. Com efeito, para demonstrar o seu ponto de vista, o filósofo recorrerá “a um raciocínio análogo ao argumento ontológico de Santo Anselmo e de Descartes” (BORNHEIM, 2003, p. 29).

Santo Anselmo (1033-1109) postula a ideia de Deus no pensamento humano, e decorre disso que seja preciso a sua existência. Para Sartre, há aí um apelo para que Deus exista. Seguindo essa mesma lógica no fenômeno, para Sartre há “[...] um apelo ao ser; exige, enquanto fenômeno, um fundamento que seja transfenomenal. O fenômeno de ser exige a transfenomenalidade do ser” (SARTRE, 2007, p. 16). Para Silva (1997), Sartre quer salvar o ser do subjetivismo, mas sua abordagem partirá justamente da subjetividade, porém, de uma subjetividade situada e não transcendental, como pensara a filosofia moderna, especialmente a teoria kantiana<sup>4</sup>. O argumento ontológico é elaborado a partir do ser reflexivo do *percipiens*, a coisa percebida, ou seja:

A argumentação ontológica de Sartre é elaborada a partir do ser pré-reflexivo do *percipiens*, do ser ‘percipiente’. [...] ter consciência de alguma coisa é estar diante de uma presença concreta e plena, que não é consciência. E o significado que possa ter consciência lhe advém desse outro que não é ela mesma. Assim sendo, é a própria estrutura da consciência humana que garante o ser objetivo do fenômeno (SILVA, 1997, p. 24, grifo do autor).

---

<sup>4</sup> “[...] sem o pressuposto da ‘coisa em si’, não se sustentaria a filosofia transcendental. E o kantismo desmoronaria [...]” (ANTISERI, REALE, 2017, p. 780, grifo do autor).

A prova ontológica se dá nessa dimensão, pois é a consciência humana que garante o ser do fenômeno. Nesse sentido, se explicita o fundamento da consciência e ainda a revela como um vazio. A consciência, então, é um vazio total. Destaca-se que há um ser que aparece e aparece a alguma coisa, e esse ser é a consciência. Sartre quis buscar um fundamento para o fenômeno, e segue a reflexão filosófica pela busca do fundamento do fenômeno enquanto em-si, e pergunta pelo fundamento da consciência.

Ao analisar os fenômenos, Sartre postula os conceitos de Em-si e Para-si, para fundamentar o ser do fenômeno e o ser da consciência. A seguir, serão abordados esses dois conceitos, destacando a eventual relação entre ambos e qual a interferência e a ligação com a problemática que motiva esta pesquisa.

### **2.1.1 Ser-em-si e Ser-para-si**

A análise do fenômeno e da consciência levaram Sartre a fundamentá-los através dos conceitos de Ser-Em-si e Ser-Para-si. Como mencionado, faz-se necessário esclarecer a identidade de ambos os conceitos e sua eventual relevância e ligação com o conceito de liberdade, que se torna fundamento da existência humana. Há de se estabelecer a seguinte constatação: existe o ser do fenômeno e o ser da consciência. Silva (1997) afirmara que o Ser-Em-si é a coisa, o fenômeno, ou o objeto implicado no fenômeno e que aparece a consciência. Em contrapartida, o Ser-Para-si é a consciência, que Sartre consagrará como sendo o próprio homem, o ser dotado de consciência.

Primeiramente, como é definido o ser do Em-si? Sartre o definirá de forma sucinta e formal, sem recorrer a uma possível abertura de algum conteúdo que possa integrar sua realidade, (BORNHEIM, 2003). Assim, o Em-si será definido através de três características: “O ser é, o ser é em si, o ser é o que ele é” (BORNHEIM, 2003, p. 33). Desse modo, será descrito a seguir de forma sucinta essas concepções.

O ser é significa pura identidade. Com isso, o propósito é afirmar que o ser está isolado em seu próprio ser, e não mantém relação com qualquer coisa que não seja ele próprio. “É uma imanência que não se pode realizar, uma afirmação que não se pode afirmar, uma atividade que não pode agir, porque é empastado de si mesmo (BORNHEIM, 2003, p. 34). Já o ser é em si, segunda característica do Em-si, quer demonstrar que o ser é inchado, está cheio de si mesmo. Assim, para Silva (1997), o

ser não foi criado por nada e nem mesmo por uma ação divina. E a última e terceira característica do Ser-Em-si é: o ser é o que ele é. Não há possibilidades na realidade do ser, está marcado por uma opacidade, não existe um fora e um dentro, como assegura Sartre:

“O ser Em-si é o que é” a que designa o ser da consciência: [...] o princípio de identidade, princípio dos juízos analíticos, é também princípio regional sintético do ser. Designa a opacidade do ser-Em-si. Opacidade que não depende de nossa posição com respeito ao Em-si, no sentido de que seríamos obrigados a apreendê-lo ou observá-lo por estarmos ‘de fora’. O ser-Em-si não possui um dentro que se oponha a um fora e seja análogo a um juízo, uma lei, uma consciência de si (SARTRE, 2007, p. 38, grifo do autor).

A realidade do Em-si é constituída por um fechamento total e omite-se a relação. É o ser que maciço, cheio de si mesmo é todo pleno. Todavia, o Ser-Para-si é o oposto da realidade do Ser-Em-si, ambos não possuem qualquer semelhança em seus reinos. O Para-si é relação, não é pleno, e é constituído pela falta. O Para-si é fundamentado por um nada, e Sartre a definirá como sendo o próprio homem. O homem é o Para-si, o ser dotado de consciência que possui em seu ser um vazio total, e Bornheim enfatiza o que o filósofo define como realidade do ser-Para-si:

Se a consciência é para-si, opõem-se ao outro que não ela, opõe-se ao em-si. E a oposição não se verifica meramente em um plano gnosiológico, nem se autoriza a enxergar no para-si uma substância subjetiva; com efeito, se a oposição é radicalmente outro que não o em-si, só se pode ser nada e um nada que deve ser elucidado em um plano ontológico, como fundamento do para-si (BORNHEIM, 2003, p. 38).

O Para-si é pura relação ao Em-si, e se confunde com seu próprio nada. Quando a consciência se lança em direção ao ser-Em-si, esse projeto não se realiza, pois a consciência se entrelaça com o nada que a constitui. Nas palavras de Bornheim (2003), a primeira relação entre ambos os conceitos se dá na atitude interrogativa do ser, pois o Para-si, como já afirmado, é marcado por um Nada, e esse nada surge no mundo pela atitude interrogativa. “É preciso que o Nada seja dado no miolo do Ser para que possamos captar esse tipo particular de realidades que denominamos negatividades” (SARTRE, 2007, p. 63). Assim, o Nada deverá surgir no coração do ser, pois é ele que traz o Nada em seu núcleo. O Nada surge sim, no coração do ser, mas não poderá surgir da realidade do ser que é em-si, pois, como foi mencionado nesta pesquisa, que procura pensar a educação à luz da filosofia da liberdade, o Em-

si é pleno, não pode conter um vazio, ou mesmo, um Nada e não mantém relação. O Nada surge do ser que o traz dentro de si. Surge no mundo pela atitude interrogativa do ser que pergunta pelo Nada de seu próprio ser. **Esse ser é o homem:**

Assim, com a interrogação, certa dose de negatividade é introduzida no mundo: vemos o Nada irisar o mundo, cintilar sobre as coisas. Mas, ao mesmo tempo, a interrogação emana de um interrogador que se motiva em seu ser como aquele que pergunta, desgarrando-se do ser. A interrogação é, portanto, por definição, um processo humano. Logo, o homem apresenta-se, ao menos neste caso, como um ser que faz surgir o Nada no mundo, na medida em que, com esse fim, afeta-se a si mesmo de não-ser (SARTRE, 2007, p. 65).

Nas palavras de Sartre, o homem é o ser pelo qual o Nada vem ao mundo. No início desta pesquisa, já se havia acenado para essa questão, que o homem no existencialismo não possuía qualquer essência, ele existe e deve se construir. Agora fundamenta-se com a análise do ser que o homem é marcado por um nada, ou melhor, ele é o próprio nada. Tendo em vista que a existência humana é marcada por esse vazio total, qual o papel da liberdade nessa existência, porque ela é seu fundamento? A descoberta do Nada na realidade humana fará com que se fundamente a resposta sobre o porquê da liberdade ser tomada como fundamento da existência humana; para tanto, faz-se necessário aprofundar ainda mais a reflexão do que se trata a realidade humana e esse nada que a constitui. Assim, dar-se-á, a seguir, à luz da filosofia sartriana, a reflexão sobre a realidade do ser-para-si, em suas estruturas internas.

## 2.2 ESTRUTURAS IMEDIATAS DO SER-PARA-SI

O filósofo francês, ao buscar fundamentar o ser-para-si, realiza uma análise de suas estruturas imediatas internas. Para tanto, continua a descrição do ser da consciência, que para o filósofo é definida e caracterizada com a célebre frase heideggeriana de que a consciência tem a característica de ser o que é e de não ser o que é. Logo, o que significa para a consciência ser o que não é e ser o que é? Nas palavras de Sartre (2007), a consciência não se reduz a ser algo pleno e completo, pelo contrário, essa característica é própria do ser em-si. “O Em-si é pleno de si mesmo, e não poderíamos imaginar plenitude mais total, adequação mais perfeita do conteúdo ao continente [...]” (SARTRE, 2007, p. 121).

Desse modo, sendo o em-si maciço, pleno e cheio de si, não se abre a qualquer perspectiva de dualidade e de fissura. Essas, portanto, são atribuições da consciência, do ser-para-si e da realidade humana. A dualidade da consciência da qual descreve Sartre, da capacidade de ser o que é e de não ser o que é, significa que o ser da consciência está sempre em questão, é pura contingência, como expressa o estudioso ao afirmar que:

A consciência não surge, portanto, fechada sobre si, totalmente adequada a si própria. As coisas estão como que comprimidas em si mesmas; a característica da consciência, ao contrário, é que ela é uma descompressão de ser. É impossível, com efeito, defini-la como coincidência consigo própria [...] Nas coisas não há distância de si para si: não há 'si'; a consciência é essencialmente essa distância. As coisas não tem interioridade, e justamente pela interioridade o homem se faz um ser-para-si (BORNHEIM, 2003, p. 54, grifo do autor).

Nessa perspectiva, a consciência não está fechada em si mesma, é uma descompressão de ser. Ao utilizar o exemplo da mesa e da ideia de crença para explicar a consciência, Sartre assegura que da mesa só se pode dizer que ela é simplesmente essa mesa, todavia, da crença, a minha crença é consciência de crença. Nesse sentido, a consciência tem consciência de si. Conforme Bornheim (2003), nas coisas não há distância de si para si, ao contrário da consciência, que é ela mesma uma distância de si. Essa noção do **si**, de ter consciência de **si** é amplamente abordado por Sartre. “Porque a consciência pré-reflexiva é consciência (de) si. E o que precisa ser estudado é essa noção mesma do si, porque define o próprio ser da consciência” (SARTRE, 2007, p. 123).

### **2.2.1 Presença a si**

A compreensão do conceito de consciência em Sartre revela por primeiro que o homem não é uma caixa cheia de coisas, e, nem mesmo carrega dentro de si um segredo desconhecido, pelo contrário, o homem não é uma realidade simples; e muito menos uma realidade plena e completa. Apesar de frequentemente tentar se esquivar de sua condição, buscando incessantemente se definir como um ser em-si, como coisa, como um ser totalmente pleno e inteiro, esse projeto não se realiza, pois na medida em que a consciência se define como dualismo, distância e separação, tal projeto se frustra, como comentara Bornheim (2003). Constata-se ainda que, para o

filósofo francês, a consciência é uma descompressão de ser, ou seja, a consciência é um vazio total. Dessa forma, tudo é exterior, ela é um Nada. Por isso, é a realidade humana que possibilita essa questão paradoxal entre ser e nada. Ao comentar a obra **O Ser e o Nada**, Silva (1997) afirmará que o homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo, e o ser que em todas as suas possíveis relações e encontros com o si consistem em nihilizar totalmente o ser que é em-si.

A abordagem do conceito consciência conduziu Sartre a descrição da realidade do ser para-si em suas diferentes estruturas internas, a partir da presença a si, como menciona o filósofo em sua obra:

O si representa, portanto, uma distância ideal na imanência entre o sujeito e si mesmo, uma maneira de não ser sua própria coincidência, de escapar à identidade colocando-a como unidade; em suma, um modo de ser em equilíbrio perpetuamente instável entre a identidade enquanto coesão absoluta, sem traço de diversidade, e a unidade enquanto síntese de uma multiplicidade. É o que chamamos de presença a si (SARTRE, 2007, p. 124).

Assim sendo, a ideia primordial de presença a si do ser, é que existe uma separação, ou mesmo, uma distância no próprio seio do para-si. Isto significa que o para-si não se possui e não coincide consigo mesmo. Existe, portanto, uma distância e uma imanência ideal entre o sujeito e si mesmo. Desse modo, ser presença a si implica no fato de o sujeito não ser a sua própria coincidência e escapar constantemente de toda e qualquer identidade. Nessa perspectiva, se a presença a si é uma distância ideal que separa o sujeito de si mesmo, Sartre (2007) coloca a questão: o que separa o sujeito de si mesmo? O que separa o sujeito de si mesmo é o Nada. Lê-se que:

[...] o para-si 'deve ser' o seu próprio nada. 'O ser da consciência, enquanto consciência consiste em existir à distância de si como presença a si, e essa distância nula, que o ser leva em seu ser é o Nada'. O para-si se constitui através do nada, que é como que um 'buraco' no ser, uma 'queda' do em-si (BORNHEIM, 2003, p. 56, grifo do autor).

Analogamente, o para-si em seu próprio ser é Nada, pois a consciência passa a existir como uma distância de si, isto quer dizer, como presença a si. Nesse sentido, o fundamento da presença a si e, conseqüentemente, do para-si e da realidade humana, que se referem a mesma realidade, é o Nada.

### 2.2.2 Facticidade

Com o intuito de apresentar as características internas do ser-para-si, Sartre o descreve como o ser de facticidade, isto é, o ser é, mesmo que o ser que é, não é. Ao afirmar que o ser-para-si é, e não é o que é, o filósofo existencialista procura salientar que a figura do para-si é descrita como um ser lançado no mundo como pura contingência. Por conseguinte, em sua obra magistral, o autor faz uma pergunta original: “Por que este ser é assim, e não de outro modo?” (SARTRE, 2007, p. 127). A resposta a tal questão revela que o ser-para-si, como mencionado, sendo a realidade humana, deverá ser, enquanto existe n’ele algo que não é, o seu próprio fundamento. De acordo com o existencialista:

Esta apreensão do ser como falta de ser frente ao ser é, antes de tudo, uma captação pelo cógito de sua própria contingência. Penso, logo sou. Sou o quê? Um ser que não é seu próprio fundamento, um ser que, enquanto ser, poderia ser outro que não o que é, na medida em que não explica seu ser. É esta intuição primeira de nossa própria contingência que Heidegger apresenta como motivação primeira para a passagem do inautêntico ao autêntico (SARTRE, 2007, p. 128).

Essa perspectiva apresentada de que o ser não é o seu próprio fundamento e que poderia ser outro diferente daquilo que é, exprime uma dúvida: Nas palavras de Sartre (2007), como o para-si, que na medida em que é, não é o seu próprio fundamento, poderá ser enquanto para-si fundamento de seu próprio Nada? Para o pensador existencialista a resposta a tal interrogação se encontra nela mesma, pois se o ser é fundamento do nada enquanto nadificação do ser, isto não significa que ele seja fundamento de seu ser. Nesse sentido, o pensador esclarece essa questão da seguinte maneira: “Em resumo, todo esforço para conceber a ideia de um ser que fosse fundamento de seu ser resulta, a despeito dele próprio, na formação da ideia de um ser que, contingente enquanto ser-Em-si, seria fundamento de seu próprio nada” (SARTRE, 2007, p. 129).

É de salientar que, a questão do fundamento do ser tem na filosofia existencialista sartriana o seu alicerce no Nada, ou mesmo, na própria liberdade. Logo, ao descrever a origem do fundamento, Sartre, assegura que a partir do momento em que se reconhece que o ser em-si não poderá ser fundamento de si mesmo e nem mesmo de outros seres, o fundamento só poderá surgir no mundo por meio do para-si. Conforme Sartre (2007) o ser-para-si não só fundamenta a si, mas

também surge pela primeira vez com ele o fundamento. Nessa perspectiva, de que o fundamento surge com o ser-para-si, o homem, realmente se constata que ao longo de sua vida, se caracteriza e se projeta como busca de fundamento. No decorrer de sua existência, o homem se lança constantemente a se fundamentar em alguma realidade existente do mundo, como que se quisesse formar uma identidade concreta para o seu ser. Contudo, esse desejo de se estabilizar, de formar uma identidade determinante não se realiza para a realidade humana, pois, como já fora mencionado nesta pesquisa, essa tentativa recai sempre em seu nada. Mais precisamente, sobre o desejo do homem de se determinar, Bornheim expressa:

Desembaraçado de toda ilusão substancialista, o homem só poderia encontrar seu fundamento no nada. E, de certo modo, o fundamento do para-si é o nada, um fundamento que é nada de fundamento. Vale dizer que se o homem não consegue repousar em nada, ele se auto fundamenta nessa impossibilidade, e encontra a sua razão de ser no próprio ato de perseguir um fundamento (BORNHEIM, 2003, p. 57).

Dessa maneira, se configura a facticidade do ser-para-si, como pura contingência, estando no mundo para nada. De acordo com Bornheim (2003), o para-si como presença a si deságua na facticidade como contingência absoluta. Portanto, a facticidade lembra o ser-para-si de sua condição, como totalmente responsável por si e por suas escolhas, e não podendo atrelar o seu ser a qualquer coisa do mundo que não seja o seu nada de ser. Com isso, o para-si, estando lançado no mundo e tendo como fundamento o seu nada, apenas descobre motivações. Por isso, Sartre (2007) enfatizará que o para-si é constantemente remetido a si mesmo e a sua inevitável liberdade.

### 2.2.3 Falta

Após analisar a consciência e compreender que ela existe distanciando de si mesma, e que ser para-si é ser presença a si, e que pela facticidade se mostra ao mundo como pura contingência, Sartre continuará a abordagem das estruturas imediatas do para-si, e agora o compreende também dentre as suas características **a falha ao ser**, isto é, o ser-para-si fundamenta a si mesmo como falta de ser. De acordo com Silva, o homem:

[...] está determinado no seu ser por um ser que não é ele. Nenhuma negação pode ter tanta profundidade, como a que se exprime por falta ou deficiência. A falta, que não pode fazer parte da natureza do em-si, também não pode surgir no mundo, senão pela realidade humana: a falta só aparece no mundo humano (SILVA, 1997, p. 50).

Nesse sentido, a falta que não provém da realidade do ser-em-si e nem mesmo da realidade do mundo, surge por meio da condição humana. É, portanto, o homem sendo o ser-para-si que traz consigo a falta. Para esclarecer essa dimensão do para-si, da falta ao ser, Bornheim menciona o exemplo daquilo que Sartre considera como privação: “A privação é exclusiva da realidade humana; não tem sentido atribuir privação ao em-si: um círculo incompleto, por exemplo, manifesta sua incompletude tão só em relação ao homem. E a privação é constitutiva do homem” (BORNHEIM 2003, p. 58). Desse modo, o exemplo utilizado por Sartre, sobre a lua crescente, deixa mais evidente essa questão; uma lua crescente só manifesta a sua incompletude em relação ao homem<sup>5</sup>. É preciso tornar evidente ainda, que a privação como constitutiva da realidade humana apenas adquire significado a partir da totalidade que a motiva:

A dialética do desejo permite compreendê-lo; ela se move entre dois pólos: a privação e a totalidade, e a privação só adquire significado a partir da totalidade que a motiva. O desejo revela, assim, privação de ser, apresenta-se perseguido em seu ser mais íntimo pelo ser que o informa. A privação, portanto, só se faz possível a partir de um fundo de totalidade (BORNHEIM, 2003, p. 58).

Dessa forma, é preciso considerar que, à luz das estruturas do ser-para-si, a realidade humana é puro nada e pura carência. Essa carência apresenta-se no fato de que o homem antes de existir já é o que é e não é o que é; ou seja, é constante e inevitavelmente constituído pela falta. Mesmo que o para-si se enverede pelo mundo, buscando suprir essa falta, tal ato não ocorreria. Para Bornheim (2003), a questão da falta e do nada que cerceiam a vida humana, que o incomoda diariamente, fez com que o homem, horrorizado com o nada de seu ser, quisesse transformar o nada em um ser substancial. E isso, explica até mesmo a invenção de Deus. “Porque Deus é impossível, e o homem se sabe intransponivelmente infeliz. Assim, o para-si justifica a totalidade, sem poder, contudo, realizá-la [...]” (BORNHEIM, 2003, p. 59).

---

<sup>5</sup> “Assim, no mundo humano, o ser incompleto que se dá à intuição como faltante é constituído em seu ser pelo faltado - ou seja, por aquilo que ele não é; a lua cheia é que confere à lua crescente seu ser como crescente; o que não é determina o que é; encontra-se no ser do existente, como correlato de uma transcendência humana, o conduzir-se para fora de si rumo ao ser que ele não é, bem como a seu sentido” (SARTRE, 2007, p. 136).

### 2.2.4 Valor

O estudo e a compreensão das estruturas imediatas e internas do ser-para-si conduzem Sartre a realidade do ser-do-valor, contudo, é preciso evidenciar que para o filósofo: “Um estudo da realidade humana deve começar pelo *cogito*” (SARTRE, 2007, p. 133). Ademais, considera, que se o homem se limitasse a ser o Eu Penso, seria apenas uma realidade do instante:

E é bem verdade que, em Descartes, trata-se de uma totalidade instantânea, já que, por si mesma, não erige qualquer pretensão quanto ao futuro, e é necessário um ato de "criação" contínua para fazê-la passar de um instante a outro. Mas é possível conceber sequer uma verdade do instante? E o cogito não encerra à sua maneira o passado e o futuro? Heidegger está de tal modo persuadido de que o "Eu penso" de Husserl é uma pegajosa e fascinante "armadilha para cotovias" que evitou completamente recorrer à consciência em sua descrição do Oasein (SARTRE, 2007, p. 133, grifo do autor).

Em virtude de sua percepção acerca da importância do *cogito* para análise da realidade humana, Sartre (2007) realiza uma pergunta fundamental, interrogando quais as revelações que a descrição do ser que é para-si manifestaram? Portanto, com esta pergunta, também é louvável se interrogar nesta pesquisa, que busca pensar a educação à luz da filosofia da liberdade, levantar, isto é, problematizar ainda mais essa questão com a pergunta: o que é a realidade humana em seu ser? Essas duas interrogações que se referem a mesma situação têm como respostas que o ser-para-si, ou, o homem, se revela como Nada. Enquanto a negação do em-si, o para-si se mantém como falta de ser, pois se determina a todo instante a não se tornar um ser-em-si.

Dessa forma, tendo caracterizado o para-si como falta e como nada, Sartre assevera que a comprovação dessa caracterização se dá por meio do desejo. Para o filósofo existencialista, é pela via do desejo que se chega à compreensão de que aquele que deseja, deseja por que há, ou, existe algo que ele não possui. E, assim, é a realidade humana, deseja constantemente definir sua identidade de forma precisa e concreta. E, ainda que, busque fora suprir esta realidade negada da qual lhe pertence, fracassaria constantemente, pois o seu fundamento não está em uma realidade concreta, está em sua própria realidade, na sua própria condição, em seu próprio Nada. E para o filósofo, que é base desta pesquisa, que procura pensar a educação à luz filosofia da liberdade, o homem, em seu ser, é fracasso, é sem sentido:

Em seu ser, o Para-si é fracasso, porque fundamenta si mesmo apenas enquanto nada. Para dizer a verdade, este fracasso é seu próprio ser; mas o Para-si não tem sentido, a menos que apreenda a si mesmo como fracasso em presença do ser que não conseguiu ser, isto é, do ser que seria fundamento de seu ser e não mais apenas fundamento de seu nada, ou seja, deste ser que seria seu próprio fundamento enquanto coincidência consigo mesmo. Por natureza, o cogito remete àquilo que lhe falta e ao faltado, uma vez que é cogito infestado pelo ser, como bem observou Descartes; e esta é a origem da transcendência: a realidade humana é seu próprio transcender rumo àquilo que lhe falta [...] (SARTRE, 2007, p. 138).

Em decorrência dessa reflexão, na qual Sartre descreve o homem como fracasso e sem sentido, e apenas possuirá sentido se o mesmo se compreender enquanto fracasso, pois o é na medida em que não consegue fugir de sua própria condição, e que o *cogito* cartesiano remete à falta, o filósofo descreverá também o ser do valor. Antes de qualquer asserção a respeito dessa importante característica do ser-para-si, é preciso enfatizar que o valor é descrito como sendo incaptável, pois é incondicionalmente ser e não o é. “Seu ser é ser valor, quer dizer, não ser” (SARTRE, 2007, p. 143). Isto significa que o ser do valor é ser aquilo do qual não tem ser. Todavia, para Sartre, de alguma maneira o ser pertence ao valor, e o homem é quem lhe confere sentido, pois é por meio de tal realidade que o valor aparece ao mundo. “O para-si busca a coincidência com o valor; nessa perspectiva, o valor surge como o ser absoluto do ‘si’ do para-si [...]” (BORNHEIM, 2003, p. 60). Contudo, Silva (1997) afirmara que essa coincidência se frustra, pois o valor, não é, ou é um em-si que procura o sendo para-si. Nessa realidade de frustração, Sartre definirá o valor como totalidade falha:

[...] o valor, em seu ser, é a totalidade faltada rumo à qual um ser se faz ser. Surge para um ser, não na medida em que este é o que é, em plena contingência, mas enquanto é fundamento da própria nadificação. Nesse sentido, o valor impregna o ser na medida em que este se fundamenta e não na medida em que é: impregna a liberdade. Significa que a relação entre o valor e o Para-si é de natureza muito particular: o valor é o ser que há de ser enquanto fundamento de seu nada de ser (SARTRE, 2007, p. 144).

Dessa maneira, Sartre define o ser do valor, como totalidade falha “[...] e enquanto orientado para a tal totalidade o para-si se faz ser” (BORNHEIM, 2003, p. 60). Com isso, o ser do valor lembra ao ser, ao para-si, isto é, a realidade humana o ser que eu não sou, mas que a todo instante tenho que me fazer ser. Enfim, essa condição de ser só é possível se conferida pela liberdade, ou melhor, quem confere

existência ao homem é a sua própria condição de ser livre: **a liberdade**. Em suma, o valor é descrito como um ser que não pode ser conhecido, nem objetivado, o valor deverá ser apenas vivido (SILVA,1997). E, ainda Sartre (2007) afirmará que o valor é pura contingência e apenas se assenta sob a liberdade.

### 2.2.5 Possível

A partir da descrição do ser-para-si, dentre as estruturas já citadas nesta pesquisa, uma última se apresenta, o ser-do-possível. Enfim, se a realidade humana é marcada pela falta, o que lhe falta é a coincidência consigo. Dessa maneira, essa falta que marca o homem, o para-si é justamente o possível. Assim descreve Sartre a respeito da origem dessa característica do para-si:

O possível surge como fundo de nadificação do Para-si. Não é concebido tematicamente a posteriori como meio de reconstituir o si. Mas o surgimento do Para-si como nadificação do Em-si e descompressão do ser fazem aparecer o possível como um dos aspectos desta descompressão; ou seja, como um modo de ser o que se é, à distância de (SARTRE, 2007, p. 146).

Nesse sentido, o possível se manifesta ao mundo apenas pelo ser que é possibilidade em seu ser, e esse ser é o homem, o para-si. Logo, o possível adentra ao mundo pelo ser que é nada de ser em seu ser, como pura contingência, como o ser que faz com que o valor possua ser. Portanto, o para-si também se configura como um ser de pura possibilidade. Essa noção de possibilidade nas palavras de Silva, aponta para duas direções, como bem explica:

De um lado, o possível indica que a realidade humana é opção em relação ao seu ser, embora, sendo nada, permaneça separada daquilo que pelo qual opta. De outro lado, para que haja o possível, é necessário que a realidade humana seja outra coisa que não ela mesma, isto é, uma fenda num mundo do qual o homem se conserva separado (SILVA, 1997, p. 54).

À luz dessas duas direções o possível indica que a realidade humana é problema. Sim! No sentido de que o homem é o que é e não é o que é. Por isso, nada está permanente para a condição humana, tudo em seu ser é possibilidade.

Em suma, a análise das estruturas internas do ser-para-si, revelam que não obstante a sua condição de existir distanciando de si como presença, está no mundo como pura contingência, obrigado a se lançar constantemente e a se fazer. E toda

essa noção de se construir sob o seu nada de ser está alicerçada na própria condição da existência humana, a liberdade, o que será o tema da reflexão a seguir.

### 3 A LIBERDADE COMO ESTRUTURA ONTOLÓGICA

O presente estudo que tem por objetivo compreender como pensar a educação à luz da filosofia da liberdade, avança, nesta sessão, para um segundo passo; buscar-se-á refletir a respeito da concepção do conceito de **Liberdade** na filosofia de Sartre, a fim de responder a problemática desta pesquisa. Nas últimas páginas deste estudo, através da filosofia de Sartre, compreendeu-se que o ser-para-si, o homem, é constituído por nada. E segue-se dessa análise que, se constituído por um nada de ser, o ser para-si é marcado por uma contingência absoluta e se encontra à deriva de qualquer espécie de determinação que possa se apresentar. Essa contingência absoluta que invade a realidade humana convida-o a todo instante a estar no mundo como projeto e a se fazer constantemente.

Na quarta parte da obra **O Ser e o Nada** (2007), Sartre aborda de modo profundo o conceito Liberdade, tendo como ponto de partida o estudo da ação. Para o filósofo, a condição em que se funda o agir humano é a liberdade. Todavia, antes de qualquer asserção sobre o fazer do homem, é preciso realizar uma pergunta fundamental: **o que é liberdade?** De acordo com Sartre (2007), essa interrogação, em um primeiro momento, poderá se tornar inconcebível, pois, como será possível descrever algo, se, por finalidade, a descrição visa uma explicação de uma essência particular? “Encontramos análogas dificuldades ao querer descrever o ser do fenômeno e o nada. Mas elas não nos detiveram. Isso porque, com efeito, pode haver descrições que não visam a essência e sim o próprio existente” (SARTRE, 2007, p. 541). Desse modo, ao afirmar que se encontrou dificuldades na descrição do ser do fenômeno e do nada, Sartre quis enfatizar que estes não possuem essência. A dificuldade encontrada pelo filósofo está no fato de que toda descrição visa uma essência, e por isso, houve, em um primeiro momento, impasses na descrição do fenômeno e do nada, por que estes, em si mesmo, não possuem uma realidade anterior e oculta. Contudo, esses impasses logo foram resolvidos, pois, conforme mencionado, há descrições que visam não a essência, mas o existente.

Antes de tudo, faz-se necessário recordar que para a filosofia existencialista de Sartre não existe uma essência dada, tudo está em ato. Não há uma realidade anterior que possa vir a ser: a existência precede e comanda a essência. Nesse sentido, a liberdade não tem essência e não está limitada a qualquer requisito lógico: Nas palavras de Bornheim:

A liberdade não tem essência, instaura-se desprovida de qualquer necessidade lógica. Já nesse sentido, a existência precede e comanda a essência, e todo empenho em demarcar a liberdade torna-se fundamentalmente contraditório, pois a liberdade se explica como fundamento de todas as essências. Não se trata, portanto, de uma propriedade ou de uma tendência acrescida à minha natureza; trata-se do estofo mesmo de meu ser, e, analogamente à consciência, deve-se ver nela uma simples necessidade de fato, uma contingência radical. Não se lhe pode tocar o fundo, já que a liberdade coincide com a autonadificação do para-si (BORNHEIM, 2003, p. 111).

Logo, se a liberdade coincide com a autonadificação do ser-para-si, isso significa que ela, a liberdade, apenas se assenta sobre o nada, o nada intramundo que é a realidade humana. O homem é livre por condição, sendo o ser que é o que é e não é o que é, está constrangido a apenas ser liberdade. Conforme Silva (1997), estando lançado na existência sem o seu próprio aval, o homem deverá assumir-se como existência, fazendo-se ser, sendo o que ele mesmo projetou ser e, ainda, sem poder contar com qualquer instância que esteja para além de sua própria condição. Assim sendo, o homem está condenado: “Estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móveis e motivos de meu ato: **estou condenado a ser livre**” (SARTRE, 2007, p. 542, grifo nosso). Dessa maneira, o ser-para-si não poderá fugir de sua própria condição de liberdade, pois essa o obriga a se fazer a todo instante, conforme descreve o existencialista:

O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser [...] Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. **Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser.** Se começássemos por conceber o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos até a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é (SARTRE, 2007, p. 543, grifo nosso).

Nesse sentido, Sartre versa sobre a liberdade de modo radical, ou o homem é liberdade em absoluto, ou será inteiramente determinado. Nessa perspectiva, para Bornheim (2003), ou a plenitude do ser-em-si ou o nada do ser-para-si; a liberdade, portanto, se estabelece na gratuidade fundamental e na contingência absoluta. Assim sendo, faz-se necessário associar a este estudo as possíveis relações entre a vontade

e a liberdade. Portanto, buscar-se-á compreender se os atos voluntários são um condicionamento à liberdade do para-si.

A compreensão do ser-para-si como liberdade absoluta e por condição coloca-o a deriva de qualquer espécie de determinação. Contudo, “[...] a realidade humana surge, pois como um livre poder sitiado por um conjunto de processos determinados” (SARTRE, 2007, p. 544). É nessa perspectiva que Sartre abordará as relações entre a liberdade e a vontade. Na obra *O Ser e o Nada*, Sartre (2007) realiza uma crítica a concepção de René Descartes (1596-1650) a respeito da vontade. Para o pensador, a vontade cartesiana é livre, mas existem as paixões da alma. Nesse sentido, a concepção de Descartes a respeito da vontade leva a interpretação de uma realidade humana, ora determinada, ora livre. Claro está que, para a filosofia existencialista de Sartre, essa prerrogativa é inaceitável.

Em contra posição a definição da vontade proposta na filosofia de Descartes, Sartre concebe a vontade de um modo diverso. De acordo com Silva (1997), para o existencialista, as paixões não exercem qualquer poder sobre a vontade, pois não é possível conceber na realidade humana dois existentes: um dominado pelas paixões e o outro pela vontade. Assim sendo, a vontade é caracterizada como um brotar da liberdade, ou seja, a vontade se apresenta e se define como uma decisão refletida em relação aos fins que a realidade humana projeta alcançar. De acordo com o filósofo:

A vontade, longe de ser a manifestação única ou pelo menos privilegiada da liberdade, pressupõe, ao contrário, como todo acontecimento do Para-si, o fundamento de uma liberdade originária para poder constituir-se como vontade. A vontade, com efeito, coloca-se como decisão refletida em relação a certos fins. Mas esses fins não são criados por ela. A vontade é sobretudo uma maneira de ser em relação a ela: decreta que a perseguição a esses fins será refletida e deliberada (SARTRE, 2007, p. 547).

Portanto, dizer que a vontade se apresenta como uma decisão refletida, é o mesmo que afirmar que o homem escolhe os seus fins. Sartre (2007) utiliza o exemplo de uma pessoa que corre o risco de morte frente à determinada ameaça. Diante de tal realidade, existirão duas possibilidades de escolha. Em um primeiro cenário, uma pessoa poderá se esquivar da situação que ameaça a sua sobrevivência, apenas correndo, visando como um fim supremo o valor da vida. A segunda possibilidade está no fato de que, outra pessoa na mesma situação de risco de morte, poderá decidir permanecer no mesmo lugar, mesmo que essa atitude possa parecer mais perigosa

do que a primeira possibilidade. Enfim, para o pensador, “[...] a diferença recai aqui sobre a escolha dos meios e o grau de reflexão e explicação, não sobre o fim” (SARTRE, 2007, p. 547). Desse modo, para Sartre (2007), a realidade humana não poderá receber os fins de uma dimensão interior ou exterior. É o próprio homem, o ser-para-si, em sua condição de pura liberdade, que escolhe seus fins e lhe confere existência transcendente. “Portanto, é o posicionamento de meus fins últimos que caracteriza meu ser e identifica-se ao brotar originário da liberdade que é minha” (SARTRE, 2007, p. 547). Por isso, este brotar originário da liberdade não poderá ser compreendido como uma liberdade que antecede ao ato voluntário ou apaixonado, mas como um fundamento da vontade e da paixão, pois estas manifestam à sua maneira a liberdade do ser-para-si:

Meu medo é livre e manifesta minha liberdade; coloquei toda minha liberdade em meu medo, e escolhi-me medroso nessa ou naquela circunstância; em outra, existirei como voluntário e corajoso, e terei posto toda minha liberdade em minha coragem. Em relação à liberdade, não há qualquer fenômeno psíquico privilegiado. Todas as minhas "maneiras de ser" manifestam igualmente a liberdade, pois todas são maneiras de ser meu próprio nada (SARTRE, 2007, p. 549, grifo do autor).

Assim, mesmo que os fins já estejam posicionados, o homem escolherá a maneira como irá se relacionar com esses fins, de modo voluntário ou apaixonado. E, desse modo, qualquer das duas maneiras que escolha para a sua ação, serão essas manifestações genuínas de sua incondicional liberdade.

Todas as maneiras de ser do homem expressam sua liberdade que é fundamentada pelo nada de ser. Com a abordagem da vontade e da paixão, como expressões genuínas da liberdade, Sartre descreve, também, os motivos e os móveis da ação com o intuito de tornar ainda mais compreensível a questão da liberdade e sua relação com a vontade e as paixões. Nesse sentido, antes de mais nada, Sartre descreve o motivo como objetivo, ou seja, “[...] é o estado de coisas contemporâneo, tal como se revela a uma consciência” (SARTRE, 2007, p. 552). Já os móveis da ação se definem como algo subjetivo, que traduz os desejos e as paixões.

Com a descrição dos motivos e dos móveis da ação, Sartre quer colocar em evidência que os estímulos objetivos da ação e toda a subjetividade que possa ser o pivô do ato humano, não são limites para a liberdade, assim como não são meios para um possível determinismo. Pelo contrário, é o homem que escolherá dar sentido a

cada um desses estímulos para a sua ação. “Móbeis passados, motivos passados, motivos e móbeis presentes, fins futuros, organizam-se em uma indissolúvel unidade pelo próprio surgimento de uma liberdade que é para-além dos motivos, móbeis e fins” (SARTRE, 2007, p. 555). Será, desse modo, a realidade humana convidada a escolher o seu agir: de modo objetivo ou subjetivo? E esse agir, movido pela vontade ou pelas paixões? E a liberdade, onde estará? Esta será, como já mencionado, expressa na vontade, nas paixões, nos motivos e móbeis da ação humana.

Portanto, a liberdade na realidade humana se dará por meio de opções, ou seja, de escolhas que fizer de si mesma. Dessa maneira, a seguir será apresentada essa característica da liberdade, como escolha dos fins e dos projetos da existência humana.

### 3.1 LIBERDADE: ESCOLHA COSCIENTE DE SI

A reflexão a respeito da vontade e da liberdade não tem por objetivo evidenciar a vontade simplesmente como manifestação da liberdade, mas como um acontecimento psíquico que está alicerçado por uma liberdade ontológica e originária (SARTRE, 2007). Assim, como a liberdade é idêntica ao ser-para-si, o homem é livre na mesma medida em que deve ser o seu próprio nada. É nessa perspectiva, de que a liberdade está relacionada de maneira intrínseca à realidade humana, que Sartre discorrerá sobre a escolha: “ser livre não significa apenas escolher. A escolha é considerada livre se for de tal ordem que houvesse podido ser outra” (SARTRE, 2007, p. 559).

Dessa forma, Sartre apresenta a deliberação humana como escolha original. Esta se refere ao fato de que quando o homem decide realizar um ato, ele não age simplesmente por motivos e móbeis, mas, quando escolhe, delibera na origem, ou seja, a escolha é anterior a toda motivação. Há, pois, uma escolha que ao inconsciente não se reduz. Pelo contrário, “a escolha coincide plenamente com a consciência que temos de nós mesmos [...] visto que não se distingue de nosso ser” (BORNHEIM, 2003, p. 113). Assim, as escolhas que a realidade humana realiza são plenamente conscientes, revelam tudo aquilo que é consciência nós, a escolha não se distingue do ser do homem.

Enfim, tudo aquilo que a realidade humana toma como valor para si mesma, o projeto de vida, o modo de ser no mundo, suas roupas e o modo de se vestir, a cidade

em que vive, o que assume como parte da própria existência; tudo isso, todas essas circunstâncias, revelam sua escolha. E como a escolha é escolha consciente de si, e escolhendo eu me faço ser, todas essas situações e circunstâncias que foram escolhidas pela realidade humana nada mais são que a manifestação de seu ser, de sua liberdade original. Sartre discorre do tema do seguinte modo:

O valor das coisas, sua função instrumental, sua proximidade e seu afastamento reais (que não têm relação com sua proximidade e seu afastamento espaciais) nada mais fazem do que esboçar minha imagem, ou seja, minha escolha. Minhas roupas (uniforme ou terno, camisa engomada ou não), sejam desleixadas ou bem cuidadas, elegantes ou ordinárias, meu mobiliário, a rua onde moro, a cidade onde vivo, os livros que me rodeiam, os entretenimentos que me ocupam, tudo aquilo que é meu, ou seja, em última instância, o mundo de que tenho perpetuamente consciência - pelo menos a título de significação subentendida pelo objeto que vejo ou utilizo -, tudo me revela minha escolha, ou seja, meu ser (SARTRE, 2007, p. 570).

Compreende-se dessa forma que, segundo Bornheim (2003), o para-si está sempre e inteiramente presente a si mesmo, escolhendo no mundo as soluções para o problema do ser. Assim, “o mundo, tal como o vemos, dá-nos a imagem do que somos: escolhendo-nos, escolhemos o mundo, não como um em-si que nos escapa, mas no seu verdadeiro significado” (SILVA, 1997, p. 89). A escolha derivada da liberdade do ser-para-si, demonstra que o mundo é a escolha que o homem realiza. Sartre (2007) enfatizara que a escolha reserva ao para-si um comprometimento, ou seja, o homem é comprometido em sua escolha e tem a consciência de que a opção que outrora realizara poderá ser invertida, ser modificada:

Assim, estamos perpetuamente submetidos à ameaça da nadação de nossa atual escolha, perpetuamente submetidos à ameaça de nos escolhermos - e, em consequência, nos tornarmos - outros que não este que somos. Somente pelo fato de que nossa escolha é absoluta, ela é frágil; ou seja, estabelecendo nossa liberdade por meio dela, estabelecemos ao mesmo tempo a possibilidade perpétua de que nossa escolha converta-se em um alguém preferido por um além que serei (SARTRE, 2007, p. 572).

As escolhas que o para-si faz livremente nem sempre visam questões positivas, de modo que causem alegria àquele que escolhe. A escolha poderá ser efetuada em meio ao mal-estar, à fuga de determinadas situações, e poderá realizar-se na atitude de má-fé, quando o para-si escolhe, de modo frustrado, fugir de sua condição de liberdade. Assim sendo, o para-si tem a possibilidade de até mesmo não escolher, mas, esteja evidente, que toda escolha é escolha de seu ser (SARTRE, 2007). Em

suma, a escolha se mostra como absurda, pois a ela não está associada há uma razão de ser e nem há um motivo. É absurda porque é escolha do ser sem ser seu fundamento. Nesse sentido:

Temos, como consequência, que 'a liberdade é o fato de que a escolha termina sempre incondicionada', decorrendo disso o absurdo da escolha. A liberdade é absurda porque é escolha de seu ser sem ser o seu fundamento; ela não tem razão de ser pois instaura toda razão de ser e todo fundamento (SILVA, 1997, p. 89, grifo do autor).

É nessa perspectiva, de que pela escolha todos os fundamentos vêm ao ser, que a liberdade está intrinsecamente voltada para a condição do para-si. Nesta pesquisa, que busca pensar a educação na filosofia da liberdade, compreendeu-se que, até o presente estudo da liberdade em Sartre, esta se apresenta como condição da realidade humana. “Assim a liberdade é a razão da existência do ‘para-si’, se confundindo com o próprio modo de existir da realidade humana” (SILVA, 2013a, p. 100, grifo do autor). Essa liberdade, intrínseca à condição humana, se manifesta nas situações com que o homem se depara ao longo de sua existência, será a reflexão que se dará a seguir.

### 3.2 LIBERDADE SITUADA

No intuito de buscar caminhos para pensar a educação na filosofia da liberdade de Sartre, apontou-se, nesta pesquisa, que a liberdade é a condição existencial da realidade humana. Nesse sentido, também apontou-se, neste estudo, que a vontade e as paixões não são entraves para o pleno exercício do ser-livre, mas caminhos para a sua realização. Ainda constatou-se que, pela incondicional liberdade, o para-si escolhe no mundo se fazendo ser.

Todavia, a concepção sartriana de liberdade, que concede ao homem a possibilidade de fazer-se ser e de escolher, não é concebida do mesmo modo pelo senso comum. Sartre (2007) enfatiza que contra a liberdade se apresentam diversos argumentos que têm por finalidade última anunciar à humanidade a sua impotência. Assim sendo, alguns desses argumentos ressaltam que o homem não é livre para modificar o destino de sua classe, os próprios hábitos e a família da qual nascera. Desse modo, o homem não surge no mundo como um ser para se fazer, mas surge na existência com uma essência dada, convidado a exercitar a ação nas malhas do

determinismo. Enfim se encontra o homem, feito pelas realidades que estão ao entorno de si, desde a condição social até as influências da sociedade em que vive. Esses argumentos nunca incomodaram os filósofos adeptos à liberdade humana: “Descartes, o primeiro deles, reconhecia ao mesmo tempo que a vontade é infinita e que é preciso dominar mais a nós: mesmo que a sorte” (SARTRE, 2007, p. 592). Sartre, ao abordar a liberdade de forma absoluta, não tem por objetivo esconder esses argumentos, porém quer afirmar que eles não são um limite para a liberdade<sup>6</sup>:

O coeficiente de adversidade das coisas, em particular; não pode constituir um argumento contra nossa liberdade, porque e por nós, ou seja, pelo posicionamento prévio de um fim, que surge o coeficiente de adversidade. Determinado rochedo, que demonstra profunda resistência se pretendo removê-lo, será, ao contrário, preciosa ajuda se quero escalá-lo para contemplar a paisagem. Em si mesmo - se for sequer possível imaginar o que ele é em si mesmo -, o rochedo é neutro, ou seja, espera ser iluminado por um fim de modo a se manifestar como adversário ou auxiliar. Também só pode manifestar-se dessa ou daquela maneira no interior de um complexo-utensílio já estabelecido. Sem picaretas e ganchos, veredas já traçadas, técnica de escalagem, o rochedo não seria nem fácil nem difícil de escalar; a questão não seria colocada, e o rochedo não manteria relação de espécie alguma com a técnica do alpinismo (SARTRE, 2007, p. 592).

Trazendo à reflexão o exemplo do rochedo que se apresenta como empecilho para a contemplação de certa paisagem, Sartre (2007) quer com isso afirmar que as circunstâncias que aparecem como limites a liberdade, na verdade, se são caracterizados como limites, é porque assim o para-si o denominou. Diante de um em-si bruto, é nossa liberdade mesma que deve constituir previamente a moldura, a técnica e os fins em relação aos quais as coisas irão manifestar-se como limites.

De certo, a liberdade na concepção sartriana manifestar-se-á em meio às circunstâncias da realidade do mundo, “[...] de forma que as resistências que o ato livre encontra nos entes, longe de lhe serem perigosas, permitem o próprio surto da liberdade” (BORNHEIM, 2003, p. 117). Nesse sentido, antes de se manifestar como um perigo para o ser-livre, as circunstâncias e resistências que o para-si se depara são um estímulo para o pleno surgimento da liberdade. Dessa maneira, compreende-se que o homem exercerá a sua liberdade em meio aos determinismos do mundo, em um terreno situado.

---

<sup>6</sup> Na Crítica da Razão Pura, Sartre reconheceu que a liberdade que é ontológica ao para-si estava alienada. Contudo, essa alienação provocada pelas estruturas e sistemas da sociedade, não são um limite à liberdade, apenas obscurecem a consciência humana a respeito de sua condição de ser-livre. Esse tema da alienação da liberdade será tratado na próxima sessão.

O para-si, livre por condição, estando lançado no mundo como pura contingência se depara a todo instante de sua existência com resistências e percalços que não foram criados por ele. Seria um limite à liberdade estas resistências? Como já mencionado, os obstáculos que o para-si se depara no mundo, são apenas incentivos para o brotar da liberdade como escolha. Se o homem se esbarra com resistências que não foram criadas por si, estes só adquirem sentido pela livre-escolha que é o para-si, por outras palavras, pela liberdade o homem dá sentido aos obstáculos que lhe aparecem (BORNHEIM, 2003). Destarte, a situação é o ambiente propício para o brotar da liberdade, bem como para a edificação do para-si como escolha do projeto que deseja ser. Nas palavras de Silva:

Afirmar que o homem – ou, neste caso, o ‘Para-si’ – ‘se faz’ coloca em primeiro plano a negação de qualquer determinação de origem causal – seja, por exemplo, uma possível ‘natureza humana’ ou um dito determinismo social mecanicista que tivesse por fito reduzir a experiência singular do sujeito a uma totalidade oclusa – e, em segundo plano, implica a afirmação de que o Para-si também, de algum modo, ‘é feito’ ou constitui-se a partir dos condicionamentos que cerceiam a condição humana, tanto no que tem de fundamental em relação a todo homem, quanto em sua singularidade mais específica – como o lugar, o passado, os arredores, o próximo, a morte etc., de cada indivíduo. Compreender minimamente o funcionamento dessa intrincada relação nos leva necessariamente a perscrutar o liame existente entre liberdade e facticidade, constituintes da noção de situação (SILVA, 2013b, p. 121, grifo do autor).

Nesse caso, ainda que a escolha que o para-si faça seja fundamental, a situação se fundamenta pela facticidade, ou seja, o existencialista observa que a situação é o modo pelo qual se apreende a facticidade. Sartre trabalha essa questão através de uma minuciosa análise de diversos tipos de situações, como, por exemplo: o meu lugar; o meu passado; os meus arredores; o meu próximo. Em todas essas situações mencionadas o resultado é o mesmo: “[...] tudo é entendido a partir do poder nadificador do para-si” (SILVA, 1997, p. 93). Decerto, ao afirmar que tudo é compreendido a partir do poder de nadificação, Sartre quer enfatizar que a realidade do para-si apenas poderá ser envolvida e condicionada pelo nada que habita o seu ser. Por isso, o homem está à distância das coisas, e estas não podem defini-lo (SILVA, 1997).

Diante das coisas e das resistências do mundo, Sartre considera que o único conceito técnico de liberdade aceitável deverá ser o de **autonomia de escolha**. Todavia, trata-se de uma autonomia peculiar, pois, estranha no mundo, a escolha

jamais está em suspensão, quer dizer, como algo para sempre: “aliás, identifica-se no fazer” (SILVA, 2013b, p. 122). Se a liberdade é caracterizada por Sartre como autonomia de escolha, esta é autônoma, e por meio desse ato livre, o homem escolhe os seus fins e lhes dá sentido. Dessa maneira, é louvável a questão descrita por Bornheim (2003), que diz: a autonomia da liberdade não conhece qualquer limite que a torne impotente? A resposta a tal interrogação é positiva na medida em que Sartre reconhece os limites externos da situação. Todavia, os limites externos não são um entrave para a liberdade humana, pois estão fora do projeto de ser do homem. Sartre entende por limites externos o nascimento e a morte, e os caracteriza como absurdidade. “Absurdo porque ambos são fatos contingentes [...] É absurdo que tenhamos nascido, como é absurdo que devamos morrer” (SILVA, 1997, p. 96). Nascimento e morte não podem se submeter a nadificação do para-si, como descreve o pensador:

Um dos dois fatores limitantes da liberdade: não sou livre para nascer e não sou livre para morrer. Mas como tudo na existência se passa entre o nascimento e a morte, estes não são limites exteriores da liberdade: não sou antes de meu nascimento e não serei depois da minha morte. Aí estão os dois extremos da facticidade, mas são limites internos: sou livre a partir do meu nascimento e não serei depois da minha morte. A contingência no seu sentido mais puro é dada nesses dois fatos; e a contingência nesse grau de pureza e originalidade é o absurdo. É tão absurdo nascer quanto morrer. Morrer não é um projeto; é a contingência-limite que determinará o fim de todos os projetos. Minha morte não me realiza, como o acorde final realiza a melodia. Essa contingência final não está entre as minhas possibilidades porque ela é a interrupção bruta do processo de ser possível (SILVA, 2004, p. 154).

Desse modo, nascimento e morte, acontecimentos da vida, não são limites para a liberdade, pois o homem é livre a partir de seu nascimento. Já a morte não encontra lugar para ela no projeto do para-si: “[...] ela se furta à possibilidade de ser enquadrada no projeto da liberdade original” (BORNHEIM, 2003, p. 120). Verifica-se que, ao trazer a reflexão filosófica da liberdade as situações extremas da existência humana, como o nascer e o morrer, Sartre, além de ressaltar que estas não são um obstáculo para a liberdade, eleva à máxima radicalização a autonomia do ser-livre.

Nessa perspectiva, não há condicionamento que dê conta da liberdade humana; basta que ela escolha e conceda significado as situações. Essa escolha que o para-si faz de si é contingente, pois há sempre a possibilidade de escolher outra

situação visando novos fins; haverá constantemente a possibilidade para um novo projeto de ser, como menciona Silva:

Será sempre a cada momento o que tiver escolhido ser sem que essa escolha por si mesma o comprometa com ser aquilo que escolheu. Em outras palavras, não se escolhe para além da própria escolha – e por isso ela é dotada de radicalidade. Portanto, o risco e a ameaça de não ser que rondam todas as escolhas do para-si provêm da sua liberdade. Nenhuma escolha decidirá sobre a própria liberdade, porque não posso escolher não ser livre. Assim, em toda escolha, permanece a liberdade de escolher diferentemente; de ter podido escolher diferentemente e de poder vir a fazê-lo. Como nenhuma escolha consolida o meu ser, ou o ser que escolhi ser na contingência da situação, todas são igualmente revogáveis. Não há um sustentáculo que apoie a escolha feita e fundamente meu ser a partir de uma opção de ser. O nada constitutivo do para-si não pode fundamentar qualquer continuidade no ser. Para continuar sendo o que escolhi ser, é preciso renovar a cada momento o projeto de ser (SILVA, 2004, p. 144).

Escolhendo na contingência, dando significado às situações que se desvelam à liberdade, o para-si não só se faz deliberando como um ser livre em um terreno situado, bem como se torna responsável por si e pelos outros no mundo, em razão da condição de liberdade absoluta.

Sendo assim, tornando-se responsável por si e pelos outros, o homem traz em sua existência um peso de todo o mundo. A liberdade absoluta, que escapa a toda espécie de essência ou determinismos, conduz o para-si a um comprometimento tão absoluto como o próprio ser livre e, é sob o peso dessa responsabilidade que o para-si se angustiara, diante de tamanho comprometimento. Será, assim, a partir dessa noção, que Sartre compreenderá a liberdade como uma responsabilidade angustiante.

### **3.2.1 Liberdade: responsabilidade angustiante**

As considerações da filosofia existencialista de Sartre apontam que a liberdade confere ao para-si uma liberdade absoluta e originária. Contudo, o ser-livre em absoluto, que nega qualquer determinação e condicionamento, não está isento da responsabilidade, pois o homem pela sua própria condição de existência carrega nos ombros o peso do mundo, isto é, responsabilidades.

Sartre (2007) compreende por responsabilidade o significado corriqueiro do termo: é apreendida como a consciência de ser o artífice de determinado acontecimento. Nesse sentido, a responsabilidade é opressiva, pois o homem age

fazendo o mundo e conseqüentemente se fazendo. Em todas as ações que por hora realizar, é ele mesmo o responsável por todas. Deverá assumir, assim, todos os acontecimentos derivados das escolhas que fizer, em razão do exercício da liberdade. Logo, não poderá a realidade humana destinar a própria responsabilidade a outras instâncias, como, por exemplo, a Deus, a natureza humana, o destino e as situações que circundam a existência. É ele, o para-si, o autor incontestável de sua própria história e dos acontecimentos: **responsável por tudo que fizer**. Dessa maneira, para Renaud:

As atitudes de fazer e ter expressam-se mediante os projetos singulares e concretos de um determinado para-si, e a liberdade, condição primordial da ação desse ser marcado pela ausência de essência e determinação, ou seja, marcado pelo nada, expõe à realidade humana sua total responsabilidade por suas escolhas, já que, se, por um lado, a situação força o para-si a agir, por outro, a liberdade não o faz refém de nenhuma decisão específica, a liberdade desmonta qualquer determinação sobre o agir. O para-si tem de agir, mas sua ação será uma invenção, uma criação, totalmente desamparada do ponto de vista de um fundamento forte, definitivo, em-si. Assim, o para-si é absolutamente livre e responsável por sua situação, pois só a reconhece como coeficiente de adversidade ou facilitador de uma ação de acordo com o seu projeto fundamental de ser esta a única fonte de orientação para suas escolhas, que se constituem na forma de valores, mecanismos de avaliação da facticidade (RENAUD, 2013, p. 298).

Dessa forma, é inadmissível para o homem protestar diante dos fatos ocorridos em sua existência, pois não há um outro responsável, toda a ação e deliberação são frutos da própria liberdade que o constitui. Em suma, de acordo com Sartre (2007), o para-si, agindo de forma criativa e totalmente desamparado, assume a existência sem desculpas e incumbido nas escolhas. A realidade humana está abandonada no mundo, não como um objeto inerte, mas como um ser que se depara sozinho e sem ajuda, comprometido com o mundo e consigo mesmo. Portanto, se a liberdade é absoluta, esta tem por característica a responsabilidade-angustiante:

A experiência da liberdade absoluta é a experiência da fragilidade absoluta. Para um ser absolutamente frágil, cujo ser não passa do desejo de ser, o absoluto não é repouso e estabilidade, mas antes alucinação e vertigem. Ter de escolher absolutamente a partir da mais absoluta fragilidade é o que faz da liberdade a origem da angústia (SILVA, 2004, p. 143).

Nesse sentido, a angústia surge na vida humana como um despertar da própria condição, assim como torna-o consciente da liberdade absoluta que há em si. “A

liberdade de escolha é a liberdade de angústia de existir como projeto permanente rumo às próprias possibilidades, na construção do ser no mundo. Daí a angústia ser a consciência da própria liberdade” (SILVA, 2013a, p. 104). Dessa maneira, a angústia se manifesta porque as escolhas que o homem faz nada mais são do que possibilidades, para serem sustentadas é preciso a todo instante reafirma-las (RENAUD, 2013).

Enfim, eis a liberdade do ser-para-si: não reivindica o que deve ser o homem, mas apenas mostra-lhe várias possibilidades para que escolha o que quiser ser. Como já mencionado, Sartre desconsidera uma definição para a realidade humana, mas se por conveniência se optar por uma definição: **a realidade humana é Liberdade.** Vontade e paixão, escolha, situação, responsabilidade e angústia. Várias faces presentes em uma mesma condição. À luz dessas reflexões na próxima sessão buscar-se-á compreender como pensar a educação a partir da filosofia da liberdade como fundamento de uma educação libertária.

#### 4 FORMAR PARA A LIBERDADE: TAREFA DA EDUCAÇÃO

Esta pesquisa, que tem por objetivo compreender como a filosofia da liberdade contribui para pensar uma educação que se pretende libertária apontou, até o momento, o núcleo da filosofia existencialista de Sartre. Isto é, sua concepção da realidade humana como liberdade. Este ser-livre, que define toda a condição do ser-para-si, o homem, confere-lhe a possibilidade de existir no mundo, fazendo-se ser a todo instante, sem que se apoie em qualquer instância que esteja para além de seu Nada de ser, para além da incondicional liberdade, como já fora mencionado neste estudo.

Antes, porém, de responder à questão que motiva esta pesquisa é preciso tornar claro o conceito de educação que será abordado neste estudo, e posteriormente a provável associação do conceito à perspectiva filosófica de Sartre.

Em um artigo intitulado: **A busca de sentido da formação humana: Tarefa da Filosofia da Educação**, Severino (2006) realiza uma reflexão a respeito da educação apreendida como formação humana. Apresenta, dessa maneira, em seu artigo, os sentidos que a educação recebeu na tradição filosófica até os dias atuais.

Severino (2006) destaca, em um primeiro momento de seu artigo, que pela história da filosofia é possível enfatizar que a educação foi primeiramente concebida como formação ética, conforme lê-se:

O discurso filosófico da Antiguidade e da Medievalidade sempre concebeu a educação como proposta de transformação aprimoradora do sujeito humano. De imediato, essa proposta se radica na pressuposta universalidade da natureza humana e a educação é vista como formação ética (SEVERINO, 2006, p. 623).

Assim, pela formação ética, a educação adquire o papel essencial de autoconstituição do indivíduo como pessoa ética. Desse modo, nesse itinerário da educação na tradição filosófica, torna-se válido mencionar os sentidos que o conceito adquiriu na antiguidade, através da perspectiva filosófica de Platão (428 a.C.-347 a.C.) e de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). Platão pensou a educação como formação do espírito. Por isso, de acordo com o idealista “[...] ao ensino, cabia o conhecimento em geral, mas a educação visava uma boa conduta de vida, a virtude. “A grande questão era como formar os homens de bem e levá-los ao conhecimento do bem assim como à sua prática” (MOREAU,1978, apud SEVERINO, 2006, p. 624). Já para Aristóteles,

em sua concepção política, está, a ética, intimamente vinculada. Nas palavras do estudioso:

É bem verdade que, muito mais que Platão, Aristóteles valoriza a realidade empírica do Estado e a condição social do indivíduo. Sua célebre fórmula de que “o homem é, por natureza, um animal político” [...] sintetiza bem seu pensamento a respeito. Quis dizer com isso que o indivíduo não basta a si mesmo. No entanto, Aristóteles também é incisivo em afirmar que a finalidade da pólis não é apenas biológica, mas sobretudo moral. A cidade é antes o ambiente em que pode ser realizada, graças à independência que ela assegura, o ideal de uma vida perfeita, o lugar onde o homem pode atingir a felicidade pelo exercício da virtude, no respeito da justiça. Afinal, o fim do Estado não é propriamente nem a defesa comum nem a organização das trocas, mas o reino da justiça [...] (SEVERINO, 2006, p. 624, grifo do autor).

Nesse sentido, a virtude em Aristóteles é um exercício, uma prática do meio termo. Não há uma formação anterior. Assim sendo, tendo evidenciado a educação como formação ética, Severino (2006) continua traçando os caminhos que a educação adquiriu ao longo da tradição filosófica, agora, em seu segundo momento, o estudioso apresenta a educação na era moderna como formação política. “Na modernidade, o critério fundamental da educação, o aspecto que recebe maior ênfase na formação humana, é aquele da formação política, a formação do cidadão [...]” (SEVERINO, 2006, p. 626). Essa concepção tem como princípio a formação como aperfeiçoamento do homem para o viver bem em sociedade. Toda essa noção moderna da educação, como formação política, tem como inspiração os pensadores iluministas Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Immanuel Kant (1724-1804), que podem ser compreendidos como:

[...] os mais significativos representantes dos construtores do projeto iluminista da modernidade no que se refere a essa perspectiva de uma outra pedagogia de acordo com a qual a formação humana, visada pela educação, passa necessariamente pela consideração da condição natural do homem como ser social. A filosofia moderna refere-se aos indivíduos, mas pressupondo-os como partes integrantes de um corpo social que os atravessa de fora a fora. Consciência, liberdade moral, perfeição humana, vontade livre são dimensões relacionadas à vida dos indivíduos, mas elas só ganham consistência plena com a inserção dos indivíduos na estrutura social (SEVERINO, 2006, p. 626).

Desse modo, ao considerar a condição humana como um ser que vive em sociedade, a educação na era moderna tinha por finalidade uma adequada inserção do sujeito na sociedade. Dando continuidade na apresentação do conceito e dos

sentidos da educação na tradição filosófica, surge esta, na era contemporânea como formação cultural; uma síntese entre a formação ética e a formação política.

Compreendeu-se, portanto, que ao longo da história a educação fora tomada como formação ética, política e no mundo contemporâneo como formação cultural. Contudo, neste estudo que busca pensar a educação a partir da filosofia da liberdade, ao deparar-se com esse conceito de **formação**, proposto por Severino (2006), parece, esta pesquisa, se enveredar por uma grande contradição. Pois, como será possível associar uma perspectiva educacional que tem por finalidade a formação humana, se a filosofia sartriana condena toda perspectiva de formação, de moldura, de determinação ou mesmo qualquer outro meio que tente violentar a condição humana de ser-livre?

Antes de qualquer arguição como essa, que possa ser validamente levantada, é preciso constatar que o termo **formação**, da qual Severino (2006) destaca em seu texto, é concebido de modo, sentido e significado diverso do senso comum, isto é, como o ato, efeito ou modo de formar algo. Como descreve o estudioso:

O sentido aqui é exatamente aquele da constituição do sujeito que não tem molde onde se encaixar, para se enquadrar, medidas para se medir. Um sujeito totalmente contingente, com muito precárias referências históricas para se guiar em sua existência. Precisa ser, ou melhor, vir-a-ser sem que caminhos precisos estejam previamente traçados (SEVERINO, 2006, p. 631).

A educação, segundo essa noção de formação, tem como papel fundamental, conduzir a existência humana para um processo de esclarecimento, de autocrítica e de reconhecimento de sua autonomia. Para Severino (2006), a educação terá como prerrogativa a formação humana que prese pela emancipação do sujeito.

Dessa maneira, tendo evidenciado o breve contexto histórico da educação, compreendeu-se que está, ao longo da tradição filosófica, não fora tratada como uma formação que conduzisse o indivíduo à liberdade, mas uma educação ética que primava pelo aprimoramento da natureza humana, e uma educação política que treinara o sujeito para o viver bem aos moldes da sociedade. E assim, a educação libertária é algo novo. É um modo de educar que surgiu no contexto da formação cultural na era contemporânea.

Tomando essa última concepção da educação como processo de emancipação do sujeito para a sua condição de ser autônomo, no próximo passo desta pesquisa

buscar-se-á evidenciar como articular essa noção de educação libertária a partir da filosofia da liberdade em Sartre.

#### 4.1 SARTRE E A EDUCAÇÃO: POR UMA FORMAÇÃO LIBERTÁRIA

Pensar a educação em Sartre constitui-se uma tarefa exigente, pois o filósofo existencialista não se debruçou especificamente em suas obras a respeito do tema. Contudo, diversos estudiosos, pensadores, filósofos e pesquisadores como Geoge Kneller, Van Cleve Morris, Bonnie Burstow e tantos outros perceberam “[...] em Sartre a possibilidade de fundamentar uma educação ‘progressista’” (SILVA, 2005, p. 188, grifo do autor). Essa noção de ensino progressista coincide com a definição de educação libertária que essa pesquisa pretende associar a Sartre, isto é, um ensino que tenha por objetivo a progressão de um estado de inautenticidade, de um ser que não vive conscientemente a sua condição de ser livre, para a consciência de sua autonomia.

Pensar a educação à luz da filosofia da liberdade, significa compreendê-la em sentido específico: como formação libertária. Ou seja, mesmo ela não se referindo a nenhum método pedagógico, ela compreende que todos os elementos que constituem a organização e a gestão escolar pressupõem uma escolha. Essa concepção de educação se confunde com a própria perspectiva filosófica de Sartre a respeito da liberdade, como menciona Santana:

Aproximar a educação do pensamento sartreano significa apresentá-la como sinônimo de liberdade, ambas em são um ato de conduzir o ser humano a algum lugar – a formação humana (educação) e a construção do ser (liberdade). Nesta perspectiva, a educação, trilhada pelos caminhos do pensamento sartreano, não tem uma definição, uma essência, mas consiste na própria existência, apresentando de maneira livre para escolher e se fazer através dos atos. Deste modo, a possibilidade de uma educação sartreana surge sem que haja uma definição a priori e sem propor um fim estabelecido (formação de um ideal), mas se manifesta por uma ação livre e sempre contínua. Ou seja, uma educação na liberdade para conduzir-se numa existência totalmente comprometida com a própria situação do ser-no-mundo; um processo educacional de nadificação do ser humano frente a si mesmo e ao mundo, projetando-se rumo aos próprios fins, às próprias possibilidades, para criar e ressignificar os sentidos que constituem a existência (SANTANA, 2010, p. 109, grifo do autor).

Nesse sentido, liberdade e educação se confundem. Pois, pensá-la a partir de Sartre é destinar a ela todas as características de ser-livre do ser-para-si. Ou seja,

uma educação sem essência e que se faz na existência. Que convida a realidade humana para o fazer-se constante. É possível, assim, constatar, neste estudo, que uma educação alicerçada em Sartre, conduz o indivíduo à liberdade que é sua: **Mas, o homem que é livre por condição, não se sabe como ser de liberdade?** Silva esclarece essa questão do seguinte modo:

Na Crítica da razão dialética, Sartre mostra que os fundamentos de sua ontologia estão presentes na sociedade constituída; porém, houve um processo que exigiu que os homens cedessem sua liberdade e que, fazendo uso dessas liberdades, constituíram-se macro-estruturas, e que se formos falar de fundamentar a educação, será preciso levar em conta tal processo. Em resumo, **Sartre afirma que o homem é essencialmente livre, mas que em sociedade tal liberdade foi alienada, criando a bizarra situação na qual o indivíduo sozinho, não pode mais fazer uso de sua liberdade, uma vez que ela está esmagada pelas estruturas sociais que foram criadas** (SILVA, 2005, p. 191, grifo nosso).

A liberdade incondicionada, do ser-para-si, está alienada por um mundo que insiste em atrelar a sua realidade de ser livre nas malhas do determinismo. Isto é, da cultura, dos costumes, da religião da lei e das regras morais. E qual será o papel da educação, tomada como sinônimo de liberdade, diante dessa fatalidade? A resposta a tal questão dar-se-á no próximo passo deste estudo.

#### **4.1.1 Educação: um convite à liberdade**

A realidade humana exerce a sua liberdade em meio às situações, ou seja, existindo em meio às resistências do mundo. Como mencionado, a liberdade que é ontológica ao ser-para-si, ao homem, está alienada. Essa alienação deve-se ao fato de que os homens, muitas vezes, não possuem consciência de sua condição de ser autônomo. Na vida diária, poucos são aqueles que em algum momento de sua existência param para refletir a respeito da realidade individual ou coletiva (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014).

Nessa perspectiva, os homens, ao se lançarem na existência, não se colocam como um projeto de ser, mas a tomam como algo pronto, dado e acabado. Isto é, abraçam a existência não como de fato ela é, como liberdade, mas como uma realidade em que as regras morais, as regras religiosas e a cultura estabelecem leis fixas para o cumprimento de cada existente.

É válido ressaltar que, nesse ambiente determinante, a educação também é atingida. Há diversas pedagogias de ensino que tornam a educação mais um mecanismo para que a realidade humana se lance nos condicionamentos. E o mais grave, através dessas pedagogias a realidade humana é preparada para viver tal realidade fatídica. Porém, elas devem incentivar o indivíduo para que ascenda desse ambiente determinante e tome consciência que nas resistências do mundo ele tem a possibilidade de exercer a sua liberdade, escolhendo a partir de seus critérios e da própria condição.

Uma dessas pedagogias condicionantes é o método tradicional de ensino. Nessa pedagogia, o professor é o detentor do conhecimento. Cabe a ele transmitir aos estudantes todo o saber por meio das aulas expositivas. Assim, o aluno é objetificado pelo sistema educacional, ou seja, não é valorizada a capacidade de criação e os conhecimentos que este venha a trazer para o universo escolar. Dessa maneira, o estudante não participa ativamente de sua formação, é um mero espectador. Apenas recebe passivamente o conhecimento do qual o detentor é o professor. E, assim, o homem, nesse ambiente, não possui a consciência de refletir sobre a possibilidade de criar os seus próprios valores ou de escolher a partir de sua própria liberdade os fins que pretende alcançar e os caminhos que pretende trilhar.

O papel da educação, nesse sentido, atrelada à liberdade sartriana, consistiria num caminho para que esse ser, que toma a existência de modo objetivo e irrefletido, a conscientizar-se da liberdade que é sua<sup>7</sup>, nas palavras dos estudiosos:

Diante de uma moral pré-estabelecida, o homem deve fazer uso de sua consciência reflexiva e através de sua liberdade, atribuir sentido aos valores existentes no mundo, e a partir do sentido atribuído, construir seus próprios valores morais e éticos (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 10).

Verifica-se que a proposta de educar e formar para a reflexão da própria existência torna-se um ato de libertação. Pois, como já supracitado, a liberdade confere ao para-si a possibilidade de habitar o mundo como projeto de ser e sem nenhum arcabouço que possa tolher tal autonomia. Contudo, essa prerrogativa de

---

<sup>7</sup> Ao afirmar que essa liberdade é sua, quer se enfatizar, mais uma vez, que o ser-livre do homem é ontológico. “[...] **a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser**” (SARTRE, 2007, p. 543, grifo nosso).

ser-livre dá-lhe também a tarefa de carregar sobre si o peso de todo um mundo, ou seja, as responsabilidades por tudo que escolher fazer de sua condição. Assim sendo:

**O homem não deveria construir qualquer valor de forma irrefletida ou construir valores ao acaso, pois é responsável por suas escolhas, incluindo os valores que constrói.** Porém, o existente pode construir esses valores ao acaso ou irrefletidamente, e até mesmo valores que possam ser julgados por outrem como imorais, sendo que ele é responsável por esses valores e pelas consequências desses valores. Ao estabelecer um valor, o homem está presente em uma realidade social e histórica, e ao afirmar seu valor para si, acaba afirmando-o também para toda a humanidade e afetando a essa humanidade, sendo, portanto, responsável pelo valor que constrói e pelas consequências dessa construção individualmente e socialmente (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 10, grifo nosso).

Dessa maneira, é necessária a reflexão para que o homem tome consciência do valor e do alcance de sua autonomia. Frassan, Prina, Vieira (2014) atestam que o ser que existe no mundo de modo irrefletido é um ser inautêntico, a saber, não apreende o mundo situado como uma oportunidade de lançar-se como projeto de ser, mas como uma oportunidade de se determinar. “Este existente não possui consciência de sua liberdade e responsabilidade pela construção de valores e atribuição de sentido ao mundo (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 11). E para que esse ser ascenda dessa inautenticidade, será necessária uma conversão radical, como bem descreve Burstow:

A conversão radical é definida por Burstow (2000) como um processo por meio do qual o existente é conscientizado de sua liberdade e responsabilidade existencial. Este é um processo longo e complexo, por meio do qual o sujeito passa da inautenticidade à autenticidade. O existente, através desse processo, é levado a fazer uso de sua consciência reflexiva. “A conversão radical, em si, é uma conversão para fora desse estado. Para alcançá-la, a pessoa deve desenterrar a escolha fundamental que subjaz a todas as demais escolhas, ver sua inautenticidade, rejeitá-la e aceitar-se a si tal como é” (BURSTOW, 2000, apud FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 11, grifo do autor).

Tornar-se autêntico, dessa maneira, é reconhecer-se como liberdade; reconhecer-se como um existente que não possui qualquer essência ou natureza própria. E como se dará essa reflexão? Como a realidade humana que vive em um mundo determinante poderá tomar consciência dessa liberdade ontológica?

A partir do que foi exposto, conclui-se, então, que a educação fará esse papel de conscientização, por meio da mediação do professor. Este, imbuído da teoria existencialista de Sartre, formará o estudante para viver plenamente a sua liberdade

na existência. E esse formar para a existência, consiste em evidenciar para o estudante o que ele é: “Um ser que não é seu próprio fundamento, um ser que, enquanto ser, poderia ser outro que não o que é, na medida em que não explica seu ser” (SARTRE, 2007, p. 128). Assim sendo, nesse processo de reconhecimento da liberdade, o professor, além de sinalizar para o estudante que sua realidade é marcada pela contingência, evidenciará para ele que a liberdade que é sua, dá-lhe a possibilidade de escolher. Não se trata, portanto, de uma escolha concreta, que sele o seu destino, ou mais precisamente a sua existência. Todavia, trata-se de uma escolha contingente, impregnada de possibilidades. Pois como afirmará o existencialista “[...] a escolha é considerada livre se for de tal ordem que houvesse podido ser outra” (SARTRE, 2007, p. 559).

Assim, afirmar a educação como formação do indivíduo para a autorreflexão de sua liberdade, na verdade, é convidá-lo a reconhecer todas as nuances de sua condição ontológica, de ser-livre. E o professor será o mediador dessa reflexão, apresentando ao estudante essa liberdade e enfatizando que esse ser-livre é exercido nas situações e nas resistências do mundo. Decerto, o professor é aquele que convida o:

[...] aluno a olhar para a sua situação, olhar para a realidade em que está inserido e extrair e inventar as possibilidades que se adequam ao seu projeto. A formação ética **também implica a reflexão do aluno sobre os diversos obstáculos que deverá ultrapassar para realizar aquilo que se propõe.** Assim, o professor acaba por conduzir o aluno a transcendência, ou seja, o professor leva o aluno a compreender que seu projeto existencial é passível de realização devido a sua condição de liberdade, porém este precisa compreender que essa liberdade está diretamente relacionada a ação concreta, precisando o aluno agir para realizar-se (FRASSAN; PRINA; VIEIRA, 2014, p. 13, grifo nosso).

Nessa perspectiva, o professor também evidenciará para o estudante que, ao se lançar na existência como projeto de ser, encontrará obstáculos que não foram criados por si. Contudo, deverá estar ciente que “só pode haver Para-si livre enquanto comprometido em um mundo resistente” (SARTRE, 2007, p. 594). Dessa maneira, o processo educacional que conscientiza o estudante das resistências e obstáculos do mundo, é um processo engajado.

Pensar a educação à luz da filosofia sartriana da liberdade é compreendê-la como uma educação engajada. Assim sendo, também será tarefa do professor mediar os trabalhos de ensino e aprendizagem pela via concreta da existência. A educação

não deverá ser apenas pura abstração teórica, mas terá de convidar os estudantes a buscarem constantemente a experiência existencial. Essa experiência existencial se refere ao fato de mediar o indivíduo para que crie sentidos, significados e escolha a partir de sua situação concreta. “Uma educação de situações constrói-se na liberdade de inventar os próprios caminhos (práticas, estratégias, projetos educacionais), e assim inventa uma maneira de ser e agir, fazendo seus atores totalmente engajados e responsáveis pelos próprios atos” (SANTANA, 2010, p. 127, grifo do autor).

Ao se pensar um processo educacional engajado na situação concreta do estudante, não se pretende aqui, menosprezar o ensino cultural e acadêmico, o uso dos livros, mas, sobretudo quer-se afirmar que a educação na liberdade deve se comprometer com a realidade em que o estudante está inserido, ou seja, pisar no solo da sua existência, convidar os estudantes a criarem sentido, escolher, responsabilizar-se e superar as resistências e obstáculos que possam se apresentar em suas vidas, (SANTANA, 2010).

Eis a contribuição da filosofia da liberdade ao meio educacional. Sim, é possível fundamentar uma educação em Sartre, e essa educação deverá primar sempre pela libertação dos indivíduos. Enfim, pensar a educação na perspectiva filosófica de Sartre é compreendê-la como um processo de livre criação, de abertura para o novo a todo instante, como declara o estudioso:

Trata-se de uma educação que se volta para o âmbito da livre criação do novo a todo o momento, pois a consequência dessa ação, independentemente de ser boa ou ruim, não pode ser critério para novas ações. Trata-se sempre de um inventar (o novo) frente às inúmeras disposições a serem tomados pelos existentes (educador – educando) em meio à própria situação. Esta invenção se processa pelas escolhas e se realiza pelos atos, fazendo com que a escolha nunca seja feita de maneira deliberada, pois ela se identifica com a consciência, enquanto vazia de qualquer conteúdo. Assim, a educação deve proporcionar ao existente a possibilidade de fazer escolhas e conseqüentemente criar-se diante da situação existencial que se encontra. Esta perspectiva faz com que a educação seja sempre flexível e adaptável à liberdade da realidade humana em meio às condições e aos desafios existenciais em que ela está inserida (SANTANA, 2010, p. 109).

Em suma, a educação fundamentada em Sartre possui a tarefa de auxiliar a realidade humana a construir seu ser, a atuar no mundo de modo espontâneo, tendo sempre a consciência da magnitude de sua liberdade. Esse será o papel da educação em qualquer instância em que se apresentar: nas instituições de ensino, nos espaços públicos ou particulares. Enfim, toda a forma de educar que se apoie na magistral

filosofia da liberdade sartriana estará formando e conduzindo existencialmente o para-si para a sua libertação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser livre implica não simplesmente em poder agir espontaneamente, conforme a própria vontade e segundo o poder da própria autonomia. Ser livre significa abraçar a existência como uma oportunidade de se construir enquanto projeto de ser.

Através da filosofia existencialista de Sartre, este estudo demonstrou que a liberdade não está fora do alcance da existência humana, mas a constitui. O **ser do homem é liberdade**. Nesse sentido, percebeu-se que o homem surge no mundo sem qualquer essência anterior que possa defini-lo. Ele, o para-si, caracterizado assim por Sartre em sua ontologia fenomenológica, é um existente que se faz no mundo a partir de seu Nada de ser. E esse Nada, que invade toda a realidade humana, é a própria liberdade. Que garante ao para-si a possibilidade de fazer escolhas, em meios as situações do mundo, tornando-se assim, responsável por si e por todos.

Nessa perspectiva, ao pensar a educação a partir da filosofia da liberdade, este estudo demonstrou que todas as características inerentes à liberdade sartriana, também são atribuídos à educação. Por isso, o processo educacional deverá ser compreendido como uma reflexão que conduza o aluno para o fazer-se constante na existência como um livre projeto, podendo, assim, pela liberdade, superar todos os obstáculos e resistências que possam surgir diante de si. Uma educação que se pretenda libertária conduz o existente para a conscientização de sua própria condição, para que longe de quaisquer determinismos estabelecidos na sociedade, no mundo situado em que vive, ele se saiba como um ser que escolhe o quer fazer diante das facticidades e é responsável por aquilo que se torna.

Desse modo, conforme todo o exposto, conclui-se que uma educação libertária contribui ainda mais para que, na sociedade, haja sujeitos mais pensantes, mais críticos e mais conscientes da magnitude de sua condição existencial, **de ser-livre**.

Enfim, a proposta deste estudo não é encerrar as discussões educacionais à luz da reflexão filosófica de Sartre, mas, apontar caminhos que tornem a educação um meio de despertar a consciência humana sobre a importância de sua condição existencial, qual seja, a de ser livre.

## REFERÊNCIAS

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **Filosofia: idade moderna**. 2. ed. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2017.

\_\_\_\_\_. **História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**. 3. ed. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.

BORNHEIM, Gerd. **Sartre: metafísica e existencialismo**. 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FRASSAN, Guilherme Henrique; PRINA, Rafael Oliveira; VIEIRA, Jorge Antônio. A Construção de Valores e Liberdade: a educação como processo de reflexão moral e existencial segundo Sartre. **Revista Akropolis**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 3-15, 2014. Disponível em: <<https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/5564>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

RENAUD, Vinicius Loureiro. O Conceito de “Liberdade” em O Ser e o Nada de Sartre: um recorte a partir do fazer, do ter e do ser. **Revista Sapere Aude**, Belo Horizonte, v.4, n. 8, p. 294-300, 2º sem. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/6297>>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

SANTANA, Marcos Ribeiro de. **Educação às moscas: cenário para uma educação de situações em Jean-Paul Sartre**. 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251406>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. 4. ed. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 15. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/rhVxLn4XhLWjYJKXB7grswG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 2 set. 2021.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas. A concepção de liberdade em Sartre. **Revista Filogênese**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 93-107, 2013a. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SILVA, Anderson Lima da. Considerações sobre a noção de “situação” em o ser e o nada. **Revista Kínesis**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 120-131. dez. 2013b. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4536/3342>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SILVA, Cléa Góis e. **Liberdade e Consciência no Existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Londrina: Uel, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e Literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. São Paulo: Unesp. 2004.

SILVA, Luciano Donizetti da. Existencialismo e Educação: a filosofia sartriana da liberdade como fundamento pedagógico? **Revista Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 4, p. 175-200, 2005. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3175>>. Acesso em: 4 set. 2021.